

ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA

THEATRO DE MOLIÈRE

QUINTA TENTATIVA

O MISANTROPO

COMEDIA EM 5 ACTOS

VERSÃO LIBERRIMA

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

2.^a EDIÇÃO



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1926

Sala

5

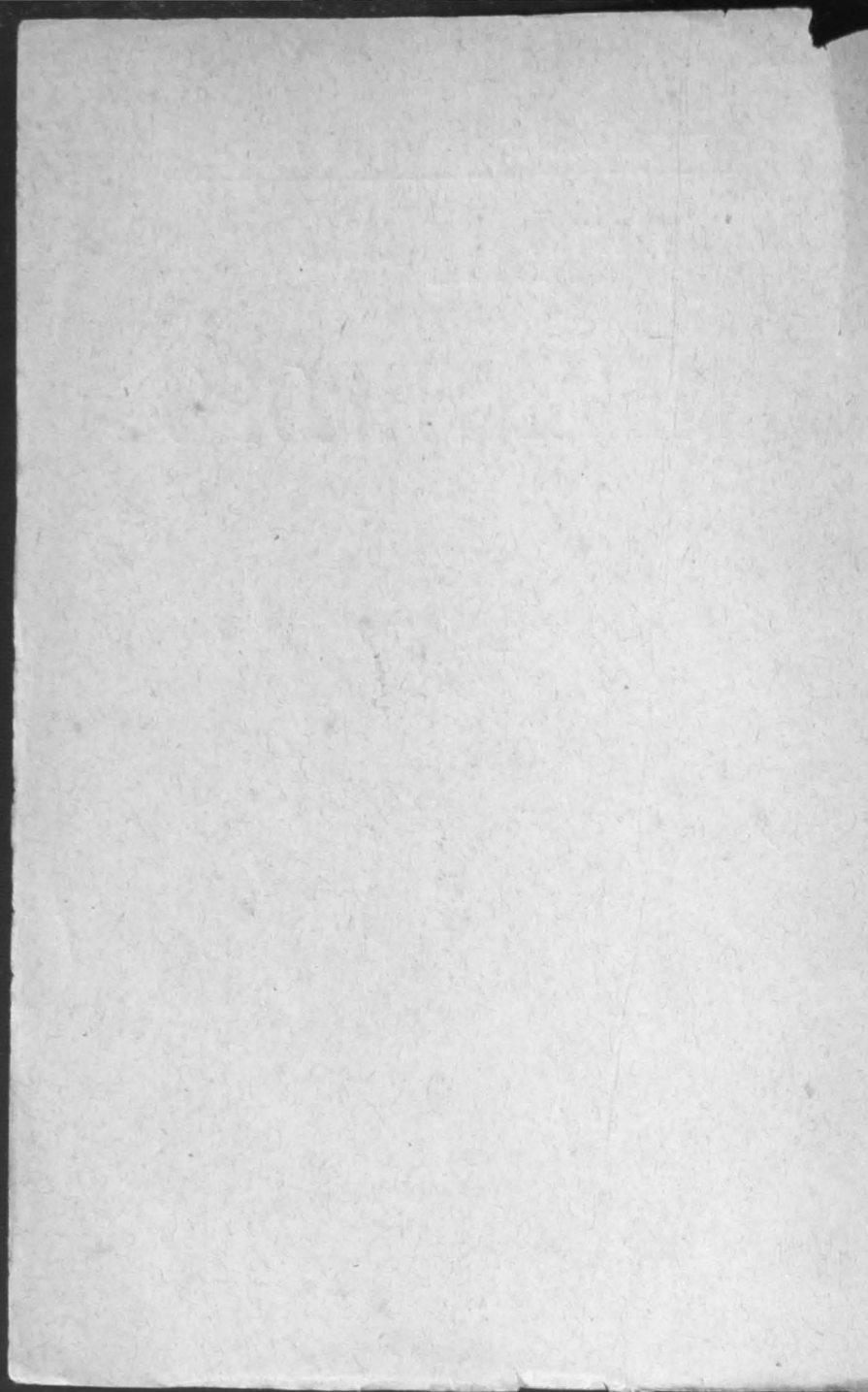
Gab.

Est.

Tab.

N.º

27
23
154



O MISANTHROPO

MISSISSIPPI

ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA

THEATRO DE MOLIÈRE

QUINTA TENTATIVA

O MISANTHROPO

COMEDIA EM 5 ACTOS

VERSÃO LIBERRIMA

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

2.ª EDIÇÃO



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1926

ACADEMIA DE CIENCIAS DE CUBA

INSTITUTO DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS

QUÍMICA

TRABAJO DE INVESTIGACIÓN

DE QUÍMICA

TRABAJO DE INVESTIGACIÓN DE QUÍMICA

1950



COMITÉ

DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS

1950

A SUA Magestade Imperial

O SR. D. PEDRO II DO BRASIL

CULTOR INSIGNISSIMO DAS BOAS LETTRAS
E GLORIFICADOR
DOS QUE AS PROFESSAM.

RESPEITOSAMENTE OFFERECE

EM PENHOR DE ETERNA GRATIDÃO
E DO MAIS DEVIDO AFFECTO

O SEU MAIOR ADMIRADOR E MAIS AGRADECIDO CONFRADE

Castilho

A CONFERENCIA DE

O SR. DE PEDRO DE OLIVEIRA

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
E FINANÇAS
DO GOV. DO PARANÁ

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
E FINANÇAS

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E FINANÇAS

1950

PESSOAS

SEVERO TRISTÃO DE MATTOS (Alceste) — misanthropo.

FREDERICO (Philinte) — amigo do precedente.

D. AMALIA DE OLIVEIRA (Célimène) — viuva, moça, rica e leviana.

D. ROSALÍA (Eliante) — prima e contubernal da precedente.

BONIFACIO (Oronte) — namorado de D. Amalia. Frívolo e poeta.

CONDE DA ABRUNHEIRA (Clitandre) — outro arrojado de D. Amalia.

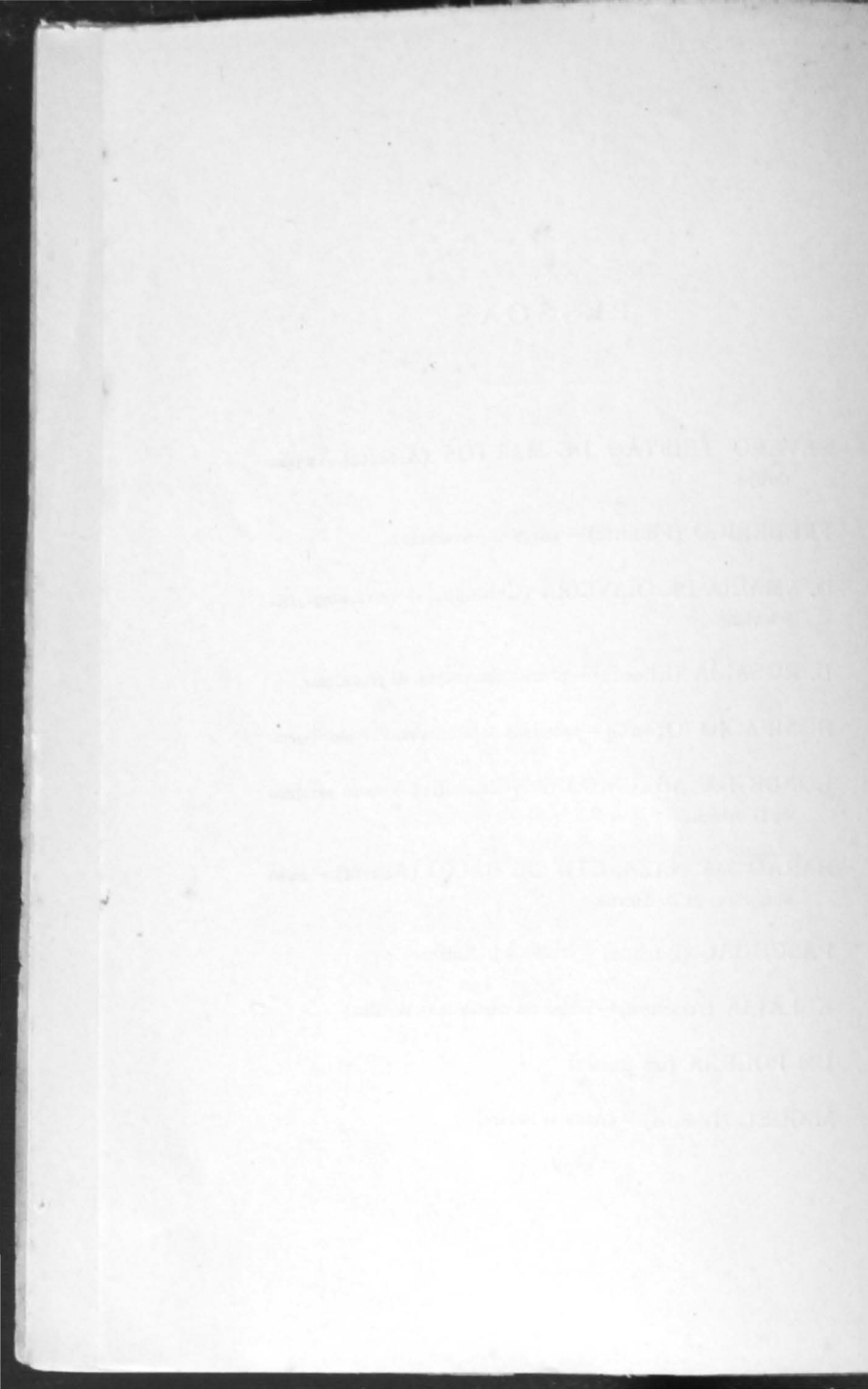
BARÃO DA NAZARETH DE BAIXO (Acaste) — outro suspirante de D. Amalia.

PASCHOAL (Basque) — criado de D. Amalia.

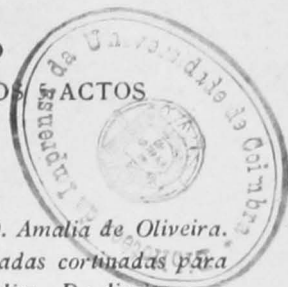
EULALIA (Arsinoé) — amiga das duzias de D. Amalia.

UM POLICIA (un garde)

MIGUEL (Dubois) — criado de Severo.



DESCRIPÇÃO
DA SCENA EM TODOS OS ACTOS



A acção passa toda em casa de D. Amália de Oliveira. Sala bem posta. Ao fundo tres sacadas contiguas para uma varanda que deita sobre o jardim. Da direita, e ao meio da parede, a porta de entrada; da esquerda e em correspondencia outra para o interior da vivenda. Entre esta e a boca da scena um pequeno sofá e algumas poltronas. Na parede um painel a oleo, retrato de mulher formosa. Ao meio da sala uma meza coberta com seu panno, e sobre ella livros ricamente encadernados, e os arranjos necessarios para escrever. Do lado direito, entre a porta e a boca da scena um piano encostado á parede, e n'esta um grande espelho. No demais a mobilia propria. Lustre pendente ao meio do tecto, mas apagado no correr dos quatro primeiros actos.



DECLARAÇÃO

DA SECÇÃO EM TODOS OS PACTOS

Eu, abaixo assinado, declaro que sou o Sr. D. João de Oliveira
e que sou proprietário do terreno situado no bairro de
S. Paulo, com área de 100 metros quadrados, e que
este terreno é propriedade exclusiva da família de
meus pais, Sr. João de Oliveira e Sr. Maria de
Oliveira, e que não tenho intenção de vender, doar,
ou de qualquer outra forma alienar este terreno,
nem tampouco permitir que terceiros façam isso,
sob pena de responder por danos e indenização.
Declaro também que não tenho conhecimento de
qualquer pacto ou compromisso que tenha sido
celebrado em relação a este terreno, e que não
tenho intenção de celebrar nenhum outro pacto
desta natureza.

ACTO I

FOTIA

SCENA I

SEVERO e FREDERICO

(Severo está sentado com o cotovello sobre a meza, e a cabeça amparada na mão; semblante carregado. Frederico em pé diante d'elle mas em distancia).

FREDERICO

Mas que tem ? diga lá.

SEVERO

Deixe-me, por quem é.

FREDERICO

Mas enfim, por favor ! já me parece até coisa de extravagancia um tal desabrimento.

SEVERO

Homem, deixe-me ; vá-se e esconda-se.

FREDERICO

Eu assento
que em perguntar porquê não no offendi.

O MISANTROPO

SEVERO

Não tem
que me inquirir; zanguei-me, e fiz eu muito bem.

FREDERICO

Não chego a comprehender taes baforadas de ira.
Fomos amigos sempre...

SEVERO

Eu do senhor! mentira.
Risque-me do seu rol. Até agora (não digo...)
fui-o; agora renego um semelhante amigo.

FREDERICO

Mas (torno a perguntar) porquê? porquê?

SEVERO

Detesto
gente sem probidade.

FREDERICO

Acabe; venha o resto.
Com que então acha em mim falta de probidade?

SEVERO

Que duvida! o senhor deshonra a sociedade.

Devia-se enterrar onde ninguem o visse,
e morrer de vergonha.

FREDERICO

E ainda me não disse,
nem me diz, o porquê de tanta indignação!

SEVERO

E ousa-m'o perguntar depois de tal acção!
Encontra um *quidam*, pára, abraça-o, são finezas,
são lisonjas a rodo; aturde-o com franquezas,
e mil promessas vãs. Despedem-se, pergunto
quem era o figurão do insólito esbarrunto;
e mal lhe acerta o nome!

Eu, se fosse possível
fazer alguma vez papel tão desprezível,
enforcava-me, e logo.

FREDERICO

E eu ..

SEVERO

Sei que não concorda;

Podera!

FREDERICO

Não senhor; se dá licença, a corda
parece-me de mais; apello da sentença.

SEVERO

O chasquear aqui tem ma graça immensa!

FREDERICO

Não? pois fallemos franco; explique-se sincero:
o que quer que se faça?

SEVERO

Ih! que innocente! quero
que se use de verdade em tudo e sempre. O honrado
só diz o que tem n'alma, ou fica-se calado.

FREDERICO

Vem um sujeito a nós, abraça-nos risonho,
que se lhe ha de fazer? tratál-o bem, supponho;
não é assim? Eu li nas regras da grammatica
isto, que em toda a parte achei depois na pratica:
a resposta concorda em caso co'a pergunta.
Com polido, polido. A quem se desconjunta
a cortejar-me, devo, ou posso, porventura
voltar costas?

SEVERO

Que mundo! um mundo de impostura!
tudo comedia infame! Essa gente á-la-moda,
nem lhe eu posso expressar o quanto me incommoda!
Ih' resinhos de feira a rir desengonçados.

ao sabor dos cordeis onde andam pendurados,
e a empulhar-se entre si com lóas em falsete!
De espectaculo tal a paga era um cacete.
Biltres e homens de bem para essa vil gentalha
tudo irmana; ou talvez que o biltre inda mais valha.
Que monta possuir honra, saber, virtude,
se entre esses malandrins, relé viciosa e rude,
logram em toda a parte igual acolhimento
o heroe e o sicophante? um Cicero, e um jumento!
De sucia de tal lote odeio os elogios,
como lhe desprezára apupos e assobios.
E o senhor, que é da seita, espanta-se de ouvir-me
que o não posso aturar!! Se quer que lhe confirme
co'um juramento d'alma a raiva que me faz,
dou-lh'ó.

FREDERICO

Mas venha cá; discorra em santa paz.
Quem vive em sociedade, inda que o genio torça,
não se ha de aos usos d'ella accomodar por força?
Que póde um contra mil? ser fabula da gente,
té desaparecer submerso na torrente.
Que mal faz ir co'a moda? a futeis apparencias
que sustancia attribue que damne as consciencias?

SEVERO

Toda, toda já disse, e dil-o-hei sempre; havia
a lei para ser justa, honesta, honrada, e pia,
pôr por pena galés, degredo, cada falso,
a quem quer que assoalhasse um sentimento falso.

Pois onde se castiga o falso moedeiro
ha de ser acolhido e honrado o lisongeiro ?

FREDERICO

Ha mil occasiões em que a verdade nua
não sae do seu cantinho impunemente á rua.
E tenha paciencia o meu doutor Severo,
se me atrevo a impugnar o seu pensar austero.

SEVERO

Se o faz sinceramente, impugne ; e agradecido!
Seja sincero sempre ; eu sempre o tenho sido.
Pozeram-me na pia o nome de Severo ;
timbro em no merecer.

FREDERICO

Pois, meu amigo, espero
me não ha de negar que se principiasse
cada qual a dizer a toda a gente em face
o que d'ella pensava, o que sabia d'ella,
raro se encontraria inteira uma costella ;
e que, logo ao romper d'esse Vesuvio interno,
o mundo, hoje só mau, fôra peor que inferno.

SEVERO

Não ha tal ; a censura ousada, franca, brava,
antes o mundo actual em novo ceo trocava.
O ridiculo, o vicio, o crime, co'os receios

de anathema geral mirravam-se nos seios.
Dizer sempre a verdade; e sempre voz em grita.

FREDERICO

Havia de dizer á Ignez: « não és bonita? »
á Margarida: « és coxa? » á Julia quando dança:
« pareces a mulher do grave Sancho Pança? »

SEVERO

Havia, sim senhor.

FREDERICO

Ao Braz dos quinze avós,
todos elles heroes, chamava-o Palafoz?
forte no provocar? nos lances invisivel?

SEVERO

Que duvida lhe põe?

FREDERICO

Toda Não é possivel.
Diz isso para rir.

SEVERO

Para rir! eu!

FREDERICO

Graceja.

SEVERO (*furioso*)

Nunca o fiz, nem farei, senhor.

(Levanta-se e passa a agitado durante o seguimento do dialogo)

FREDERICO

Tranquillo esteja ;
que lhe presta o raivar ?

SEVERO

Não posso já co'o mundo ;
e qualquer dia estoiro. E ou clamo furibundo
tudo que d'elle penso, ou vou entre alimarias
findar n'algum deserto. As covas solitarias
valem mais que os salões, theatros, e passeios,
de gente falsa, tola, e vis pygmeus só cheios.

FREDERICO

Meu amigo e senhor, essas melancolias
só podem dar de si abreviar-lhe os dias.
Quanto a emendar o mundo, historias! não no emenda.

SEVERO

Não lhe peço lições.

FREDERICO

Como me recommenda
ser franco ..

SEVERO

Sempre franco.

FREDERICO

Oiça-me á puridade
uma revelação, custosa na verdade,
mas emfim necessaria. Oxalá lhe aproveite!

SEVERO

Venha. Custa-lhe bem a ser sincero.

FREDERICO

Aceite
como prova de amor este agro sacrificio.

SEVERO

Que prologos!

FREDERICO

Não sei se é bem se mal; se é vicio,
se virtude. O que sei é que em toda a cidade
dá pábulo á risota essa excentricidade.

SEVERO

Inda bem! muito folgo. Odeio toda a gente
com tantas véras d'alma e tão profundamente,
que me ufano de ouvir que entre elles e eu existe

separação formal. Temeu deixar-me triste ?
Se me soubesse rir, agora é que me eu ria.

FREDERICO

Já é força de antojo e de misanthropia !

SEVERO

Execro a raça em peso

FREDERICO

É celebre! Nem uma,
pois nem uma excepção ?

SEVERO

Nenhuma, e renenhuma.
Todos, todos são maus : uns, pelo que praticam ;
outros, por lh'o soffrer ; os mais, porque traficam
co'os apertos de mãos, obsequios, e risinhos,
co'a récova infernal dos paspalhões damnhos.
Dou todos ao diabo a esmo, a esmo, a esmo ;
e muito especialmente a quem não faz o mesmo,
e estranha inda por cima e increpa o justo zelo.
Percebeu ?

FREDERICO

Recebi ; não era pressa.

SEVERO

A pello

me acode. Hontem de tarde o senhor no passeio
tirou o seu chapeo, e cingiu seio a seio,
áquelle philisteu, Nabucodonosor,
Golias, Senacrib, atroz provocador,
que me pôz a demanda! o mais brutal processo
que nunca se intentou! é um ladrão professo,
que tem feito um casão de roubos, só de roubos!
é um lobo cerval no meio dos mais lobos.
Tem quintas, roda trens, mora em palacios, veste
de Londres e Paris, tem damas...

FREDERICO

Que lhe preste!

SEVERO

E esse luxo insolente, urcos, banquetes, salas,
parques e cortezãs, paineis, estatuas, galas,
não são em realidade e em sua propria essencia,
senão compostos de ais, de infamia, de indigencia,
nudezes, perdições. O mundo o sabe; e honestas,
e homens serios, lá vão abrilhantar-lhe as festas!
e o senhor no passeio abraça-o!

FREDERICO

Que remedio!

trago o que hei de tragar; venço ou desfarço o tedio.
A virtude tarasca, arisca, intolerante,
perde o ser, como o sabio apenas sae pedante.

Se é claro como o sol que o mundo cego e surdo
 nem me ouve nem me vê, não é tremendo absurdo
 ir gritar-lhe ante os pés: detem-te? vaes errado?
 Derruba-me, prosegue, e eu fico atraz calcado.
 Pense e ha de confessar que a minha fleuma havia
 lograr-se-lhe melhor que essa melancolia:
 deixava-o descançar, comer, beber, dormir.
 Tudo, mau grado nosso, ha de ir onde tem de ir.
 Acabou-se. Aos tufões um atomo que importa?

SEVERO

O senhor, quando o mal chegar á sua porta,
 ha de perder a fleuma. Um que chamava amigo,
 rouba-o, deshonra-o, põe-no em plana de mendigo.
 Poder-lh'o-ha relevar? ter fleuma que lhe baste
 para não blasphemar de semelhante traste?
 Vá-se ao demonio. Em vez de o proclamarem santo,
 parvo é que hão de chamal-o, e eu faço-lhe outro tanto.

FREDERICO

Obrigado.

SEVERO

Homem, fuja, e deixe-me, repito.

FREDERICO

Mas se a iniqua demanda assim o traz afflicto,
 porque não trata d'ella? Em vez de estar bramando
 aqui em casa a sós contra o ladrão nefando,
 melhor fôra imitar-lhe a actividade, o zelo,
 que elle na causa põe.

ACTO I

1

SEVERO

Não quero.

FREDERICO

O desmazelo
póde-lhe sair caro. Agora é de um; depois
terá mais que razão para ralar de dois.

SEVERO

Deixe ter; que lhe importa?

FREDERICO

A quem, a quem confia
o andar sollicitando á sua revelia?

SEVERO

A quem?! ao meu direito; á razão; á equidade;
á lei, que está por mim; a toda esta cidade,
que sabe, como nós, quem é o ladravaz.

FREDERICO

«Manda ao Calvario o justo, e solta a Barrabás»
clama um povo todo; e o julgador sem luz
pôz Barrabás na rua, e o justo sobre a cruz.
Não fallará sequer a algum dos julgadores?

SEVERO

Não.

FREDERICO

Não ?!

SEVERO

Justiça clara escusa explicadores.

FREDERICO

Bem sei; mas tem-se visto empenhos, tricas, peitas,
transtornar tanta coisa!

SEVERO

Hei de, sem ter suspeitas,
mostrar-lhes que receio a possibilidade
de assignar um juiz actos de iniquidade?

FREDERICO

Não é bem isso...

SEVERO

Ou tenho, ou não tenho razão:
se a tenho, que mais quero? ella que falle; eu não.

FREDERICO

Nunca fiando!... A parte adversa é poderosa
e activissima.

SEVERO

Embora!

FREDERICO

O advogado tem prosa
que engana ao mais pintado.

SEVERO

E que tenho eu com isso?

FREDERICO

Diz que o procurador...

SEVERO

Deixe falar. Cubiço
agora até perder esta demanda.

FREDERICO

Temo
que lhe dêem esse gosto.

SEVERO

Oh! que regalo extremo
se o juizo a final se declarava adverso!

Então é que eu mostrava aos olhos do universo se o mundo era, ou não era, um antro horrendo, immundo, de tigres, de reptís. Opprobrio eterno ao mundo!

FREDERICO

Que homem tão singular! outro assim não se encontra.

SEVERO

É isto. Oh! quem me dera uma sentença contra!
Permitta Deus!

FREDERICO

Ninguem que tal desejo ouvisse
se poderia ter, que...

SEVERO

Que?...

FREDERICO

Que se não risse.

SEVERO

Pois que estoirem a rir; melhor. Os estoirados
já não se hão de rir mais.

(Senta-se)

FREDERICO

Homem dos meus peccados,
forte desarrasoar! Como se concilia

essa paixão do justo a ponto de mania, com outra que o domina, e que ambos nós sabemos! como podem a par caber os dois extremos? Não será Dona Amalia ente da especie humana? procedeu de outra Eva? As artes da cigana são as que hão de a final punir a iniquidade de quem assim condemna a toda a humanidade.

SEVERO

Talvez.

FREDERICO

N'esta materia ousarei eu ser franco?

(Severo responde-lhe por gestos que sim; Frederico continua depois de breve pausa, e sentando-se tambem)

Se amor é loteria, Amalia é sorte em branco.

Palpita-me, não sei...

SEVERO *(entre si)*

Que olhar!

FREDERICO

Olhar e tudo,

ensaiado ante o espelho.

SEVERO *(sempre entre si)*

Um porte! um ar sisudo!

FREDERICO

Comediante! ao serio arma co'a seriedade;

aos frivolos co'o riso, aos bons co'a ingenuidade;
 tem os genios á escolha; inda não teve amante
 que a não julgasse outro elle em sexo mais galante.
 Antes se affeiçoasse á prima; essa é discreta.

SEVERO

E fria.

FREDERICO

E a Dona Laura?

SEVERO

Inda a não vi quieta.

FREDERICO

Tinha a Dona Palmira, a Dona Emilia, tinha
 á farta onde eleger.

SEVERO

Fatalidade minha!

Lastime-me se quer, mas não me argua; posso
 dar leis ao coração? pende do arbitrio nosso
 o amar ou desamar? tanto (sem differença)
 como o estar de saude, ou ter uma doença.
 Vê-se uma formosura, e deixa-nos de gelo;
 apparece uma feia, e logra derrete-lo.
 São sinas; são condões; são não sei quês; potencia
 que se occulta á razão, e ri da resistencia.
 Se analyso e confronto, o pomo da mais bella
 competiria a outra, e eu só o entrego a ella.

ACTO I

Se espiritos comparo, e sondo sentimentos,
perturbo-me, vacillo, hesito alguns momentos,
até que os olhos fecho ; e se não lanço a palma
aos pés da seductora, ella a sorrir m'a empalma.
Entende ?

FREDERICO

Entendo ; entendo ; ama-a.

SEVERO

Amo. A despeito
de todos seus senões, só ella me enche o peito.
Reconheço-lh'os bem ; nem lh'os desculpo ; emtanto,
fazendo-a minha esposa, amor, que póde tanto,
conseguirá talvez á força de carinhos
transformal-a, despir a rosa dos espinhos.
Que orgulho para mim !

FREDERICO

Por certo. Deus permitta
que o possa conseguir.

SEVERO

Tenho fé.

FREDERICO

Acredita
portanto em que ella o ama ?

SEVERO

A pergunta é sandia.
Se não acreditasse acaso a quereria?

FREDERICO

Muito bem; mas sandia ou ajuizada, tinha
que fazer quanto a isso inda outra perguntinha.

SEVERO

Venha ella.

FREDERICO

Se está no seu amor tão crente,
porque teme rivaes, e anda continuamente
a espial-a?

SEVERO

Não sei; para estar mais seguro.
Não se põe cão de fila em quinta que tem muro?
O que me hoje aqui traz é o eu querer dar mate
a taes inquietações.

FREDERICO

E por mais que se mate,
de inquietações no amor ninguem se livra.

SEVERO

deçlarar-me com ella

Quero

FREDERICO

Eu cá, senhor Severo,
sempre torno a dizer-lhe: em meu conceito a prima
bem mais lhe merecia a sua honrosa estima.

SEVERO

Tambem assim o entendo; e Amalia é, não obstante,
quem aqui prevalece.

FREDERICO

Allucinado amante!
queira Deus que algum dia...

SCENA II

Os mesmos e BONIFACIO

*(Severo, vendo entrar Bonifacio, abre um livro na mesa a que está
sentado, e finge-se absorvido na leitura)*

BONIFACIO *(dirigindo-se a Frederico que está no lado
opposto da sala)*

Á porta me disseram
que não 'stavam em casa as damas. Se as esperam,
esperarei tambem, caso que não prefiram
o estarem-se aqui sós. Ha muito que saíram?

FREDERICO

Era uma hora (ou mais) depois do meio dia.

BONIFACIO

Foram sós ?

FREDERICO

Ambas sós; Amalia e Rosalía.

BONIFACIO

A passeio talvez ?

(Frederico encolhe os hombros, como quem diz que não sabe)

Ou á modista. A Amalia

fallou-me hontem de ir ver certos chapéos de Italia,
coisa do melhor gosto ! e flores constantinas
do maior apetite ! As damas são divinas !

Têm no pensar, e em tudo, um não sei quê das fadas ;
sempre a borboletear, aereas, descuidadas ;
vivem n'um mundo á parte; o riso, a dança, as flores,
frangancias, melodia, amor, e apoz amores,
são todo o viver seu. Quando o não podem ter,
vivem de imaginal-o.

SEVERO *(em meia voz, e sem voltar a cabeça)*

Estupido !

BONIFACIO *(que ouviu o que quer que fosse,
repara em Severo, corre para elle, e exclama)*

O prazer

que eu tenho, meu senhor, em ser-lhe apresentado! . . .

(Para Frederico em meia voz)

Prezente-me,

FREDERICO

O senhor Bonifacio Delgado,
cavalheiro distincto, amigo ..

BONIFACIO

E inda parente...

FREDERICO

cá da familia.

SEVERO

Viva!

BONIFACIO

O que este peito sente
ha muito de attracção para Vossa Excellencia...

SEVERO (*sem tirar os olhos do livro*)

Não gasto.

BONIFACIO (*como que á parte*)

Que modestia!

FREDERICO (*como que tambem á parte para Bonifacio*)

Estando a ler sciencia
ás vezes falla á toa.

BONIFACIO

Ora o senhor Severo!
que homem raro! muito ha que o préso, que o venero,

pelo grande saber e merito subido
 que o adornam, segundo á fama tenho ouvido.
 Por isso ambicionava o ditoso momento
 de fazer pessoalmente o seu conhecimento.
 Graças ao meu amigo, ao senhor Frederico,
 já goso esta ventura. Eu não sei se me explico.

SEVERO *(como acima)*

Como quem é.

BONIFACIO

Bem dito! Ao cabo e alfim consigo
 tratál-o face a face, e appellidal-o amigo!

*(Severo volta umas poucas de folhas impacientado, e não responde;
 Bonifacio continua em voz baixa para Frederico)*

Que está elle estudando?

FREDERICO

Eu sei!

BONIFACIO *(para Severo)*

Pois bem, meu caro;
 não devo interrompel-o; aqui só lhe declaro
 que me honro de ser seu; e que, se alguma vez
 desejar para si despachos ou mercês...
 tenho entrada no Paço; os principes e el-rei
 fazem-me a distincção de ouvir-me; e poderei
 por conseguinte...

*(reparando em que Severo parece de todo a heio ao que se lhe esta
 dizendo)*

Fallo ao senhor.

SEVERO (*como que despertando sobresaltado*)

Não cuidava.

Senhor, peço perdão.

BONIFACIO

Não sei se o agravava
o que eu ia dizendo; a intenção não podia
ser senão de agradar a Vossa Senhoria.

SEVERO

Tambem não tenho.

BONIFACIO

Então, senhor ..

SEVERO

Maravilhou-me

que o senhor, de quem sei unicamente o nome,
tal honra me fizesse.

BONIFACIO

E a que outro em nossos dias
poderiam tão bem caber as honrarias?

SEVERO

Senhor!

BONIFACIO

Não ha no estado insignia ou distincção,
que não fosse inda escassa em premio a tal varão.

SEVERO

Senhor!

BONIFACIO

Se eu exagero, um raio ..

SEVERO

Meu senhor!

BONIFACIO

Senhor meu, para ao vivo eu lhe expressar o amor,
o entusiasmo, a fé com que lhe rendo culto,
permitta-me abraçar seu venerando vulto,
e implorar-lhe um lugar no rol dos seus dilectos.
Concede-m'o de certo. Abone estes affectos
um aperto de mãos.

SEVERO

Senhor!

BONIFACIO

Não quer?

SEVERO

Não posso;

fôra honra excessiva; e mesmo o trato nosso...
A amizade, bem vê, quer seu noviciado;
o mais é profanal-a; o nó depressa dado,
depressa se desdá quasi sempre. Esperemos
conhecer-nos melhor, e então nos amaremos.

BONIFACIO

Bravo! isso é que é juízo! O senhor co'o bom senso põe o oiro sobre o azul no seu peculio immenso.

SEVERO

Sei só que pouco sei; converso os mortos doutos, mais para não ouvir contemporaneos bôtos, que por outro motivo.

BONIFACIO

Em pontos de poesia consta-me que é juiz; por isso lhe queria mostrar um sonetito, obra minha, que intento dar á luz, caso lhe ache algum merecimento.

SEVERO

N'isso não tenho voto; e quando o emitto, abuso ás vezes da franqueza.

BONIFACIO

Eu é que não no escuso de emprega-la comigo.

SEVERO

Emfim, já que m'o ordena, oiçamos.

BONIFACIO (*tirando da algibeira o soneto*)

E dir-me-ha depois se vale a pena.
Soneto — É um soneto endereçado... a ella

Ella! ? quem ? SEVERO

BONIFACIO
 Ella.

SEVERO

Bom; vá lá.

BONIFACIO

Era uma bella
 a quem eu fiz a côrte em Cintra. Importa ao caso
 reparar onde foi: foi Cintra o meu Parnaso.

(*Lendo*)

Os frondosos doces dos teus caminhos

(*Fallando*)

Foi sempre o meu systema em peças fugitivas
 fugir de estylo inchado e pompas excessivas.

(*Lendo*)

*Os frondosos doces dos teus caminhos
 aprendem no teu halito fragrancia.
 O chão por ti piçado tem jactancia
 de o piçarem dois candidos arminhos.*

*As aves debruçadas dos seus ninhos
escutam de teus cantos a elegancia.
De te ver na Sabuga o sol com ancia
mais cedo sae dos alcantís visinhos.*

*Namoram-te á porfia os ceos e a terra.
Té lá ao longe o mar te canta ardores,
oh! dos anjos prazer, dos homens guerra.*

*Só eu porém de tantos amadores,
ó virgem da Peninha, huri da serra,
folgo por ti de me finir de amores.*

FREDERICO

Bravissimo! E dizer este senhor Delgado
que fugia do estylo altisono, arrojado!

*(Severo faz carranca a Frederico, e encolhe os hombros de despeito
pelo elogio; Frederico continua)*

E a *Sabuga!* que lindo! e os *pavilhões ramosos!*

BONIFACIO

Com licença: o que eu puz foi *os docéis frondosos.*

FREDERICO

Inda muito melhor.

(Severo dá uma forte cotovelada em Frederico, que continua)

Tocou-me fortemente;
tudo quanto escreveu é de pasmar a gente,

BONIFACIO

Pois não me levou mais... (sei lá!) de um quarto de hora.
Vamos, senhor Severo, ao nosso ajuste agora.
Plenissima franqueza.

SEVERO

Eu, senhor Bonifacio,
estudei o que intima aos criticos o Horacio;
mas o pôl-o por obra é mais que melindroso.
Todos têm amor proprio; e os vates mais; não ousou.
Sempre me ha de lembrar, que um dia um figurão
(não direi o seu nome)

FREDERICO (*interrompendo, e dirigindo-se a Bonifacio*)

Auctor de um dramalhão
que rematou em rizo apoz mil ternas fallas,
com fogos de Bengala, e fogo de bengalas.

SEVERO (*continuando*)

embute-me um poema, obra da sua lavra.
Ouvi, ouvi, ouvi, sem proferir palavra.

FREDERICO (*para Bonifacio, fallando-lhe de Severo*)

Optimo coração! temeu dar mais quesilias
a um tolo não feliz, de mais pae de familias.

SEVERO

Como porém me instasse, abri-me co'o seguinte
(sem querer agravar ao meu attento ouvinte):

« Comichões de escrever, bom é que um homem serio
« tenha sobre si proprio o sufficiente imperio
« para lhes resistir. Quando porém succeda
« serem taes, que na luta ao cabo se lhes ceda,
« pelo menos occulte essa fragilidade;
« resista ás suggestões da perfida vaidade.
« De passatempos vãos não vá fazer alardos
« assoalhando na praça os seus filhos bastardos. »

BONIFACIO

Vem a dizer na sua o meu prestante amigo,
que faço muito mal em querer...

SEVERO

Tal não digo.

O que eu lhe disse a *elle* (entende?) o que eu lhe disse,
foi que um escripto chõcho era uma parvoice
querel-o expor no mundo ás vaias e risadas,
pois até quem possui mil virtudes provadas,
e os mais brilhantes dons, em tendo um só defeito,
por esse é que é julgado.

BONIFACIO

Acha então imperfeito
o meu soneto? vá; prosiga.

SEVERO

Tal não digo;
 repito-lhe o que disse *ao outro*.

BONIFACIO

Vá.

SEVERO

Prosigo:
 mostrei-lhè que actualmente o excommungado sestro
 de escrevinhar á doida obras sem luz nem estro
 era praga fatal aos miseros ledores,
 e mais fatal ainda aos seus proprios auctores.

BONIFACIO

E eu entro n'esse rol? escrevo mal?

SEVERO

Não digo
 que escreve mal, nem bem, senhor; forte castigo
 não querer entender-me! exponho-lhe o sermão
 que ao tal poetastro fiz. « Não vejo precisão —
 (lhe ajuntei eu) — « que o force a rabiscar poesia.
 « E para que demonio imprime? eu perdoaria
 « a quem morre de fome, o arrojo, o destempero
 « de aldrabar um mau livro. A mingoa e o desespero
 « servem-lhe de desculpa, assim como ao ladrão
 « attenua o delicto o carecer de pão. »
 Em sustancia foi isto o que ao sujeito eu disse.

BONIFACIO

Deixemos o sujeito. Explique-me a tolice que achou no meu soneto.

SEVERO

Acho que não valia os cinco réis do almoço. Em coisas de poesia (como em tudo) é melhor seguir os bons, que andar, imitador sem tino, atrás de gente alvar, que nunca diz o que é como é; que acha pobreza não tornar sempre enigma a bella natureza; que enfim, para inculcar engenho relevante, troca em imagens tudo, e sempre em tom pedante. Sabe o que este escrever me lembra muitas vezes?

BONIFACIO

Não sou adivinhão.

SEVERO

São os charões chinezes, pintalgados á tóa, uns campos que não ha, uns ceos que ninguém viu, aves que nem por lá nem por cá se hão de ver, rios azues, figuras sem proporções, sem nexo, um cahos de pinturas rudes, sem intenção, vaidades infelizes, que se brilham é só co'o brilho dos vernizes. Pois *copas* são *doceis*? dois *pés* são dois *arminhos*? ensina-se fragrancia? aprendem passarinhos o cantar elegante ouvindo a... Dona *Ella*?

Com essas nem se engana a mais soez donzella.
 Quem crê no *ardor* do mar! ou em que o sol *madruga*
 para ir ver quem se lava ou bebe na *Sabuga?*
 et cet'ra, et cet'ra, et cet'ra. Arte só tem belleza
 quando a verdade a anima, e quadra á natureza.
 Pompas ficticias, vãs, que ahi vão por toda a parte,
 são meros aleijões, são a deshonra da arte.
 A mania actual de pintalgar, confesso
 que até já me faz medo! Alcumham-n'a *progresso!*
 progresso, quanto a mim, seria arripiarmos
 esta carreira doida, e dóceis regressarmos
 ao que o geral consenso, e a humanidade em peso,
 chamaram *bello e bom*. Aliás, quanto desprezo
 não virá sobre nós, raça no pó sepulta,
 quando outra geração, melhor, maior, mais culta,
 nos julgar a final, corrida em consciencia,
 de tão chôcha, tão nescia e tumida ascendencia!
 Tenho inveja ao porvir, e inveja do passado.

(*Bonifacio ri*)

Não tem de que se rir, senhor cantor Delgado;
 entre a gente do campo ás vezes um trovista
 que não sabe A nem B, nem ha de entrar na lista
 dos poetas jámais, arma (da sua idéa)
 quadrinha em que diz mais que os seus n'uma epopéa.

BONIFACIO

Já vejo: a musa alarve é a musa do seu gosto.

SEVERO

Mais do que a delambida, a de afeitado rosto,
 de seios de algodão, de anquinhas, de tregeitos,

que leva atraz de si muitissimos sujeitos.
Oiça-me isto, compare, e diga se é mais bella
que estas quadras de nada a sua lóa a *Ella!*

A verdizella é enleio
que se enleia pelo trigo.
Ai! quem fôra verdizella
que se enleiará contigo!

Ai! se eu tivera a ventura
que tem o manjaricão,
andava no teu collete,
perto do teu coração!

O meu coração é negro
como a tinta de escrever;
como a tinta negro o traga
quem assim m'o faz trazer

BONIFACIO

Fique-se por ahi; mas saiba que os meus versos
são bons e muito bons.

SEVERO

Ha juizos diversos.
O senhor lá terá razões, que eu não avento,
para o cuidar assim. Eu no meu fôro assento
que são maus; muito maus; pessimos; detestaveis.

BONIFACIO

Juizes de mais polpa acham-n'os admiraveis.

SEVERO

Sabem mentir, e eu não.

BONIFACIO

Só n'elle é que ha sabença!

SEVERO

Chamasse-lhe eu poeta, e logo a tinha immensa.

BONIFACIO

Não pretendo agradar-lhe.

SEVERO

E escusa pretendel-o.

BONIFACIO

Faça um soneto igual, se é capaz, sôr camello.

SEVERO

Arreda, onagro bravo!

BONIFACIO

Uma satisfação

de cavalheiro. Exijo-a. Exijo-lhe a razão
de me chamar onagro.

SEVERO

E dou-lh'a : os seus versinhos.

BONIFACIO

Amanhã lá espero em casa os seus padrinhos.

SEVERO

Póde esperar. Despreso a logica da bala.

BONIFACIO

E a das mãos?

SEVERO

Á das mãos responde a da bengala.

FREDERICO

Senhores ! por quem são ! já basta ; por favor !...

SEVERO

Meu senhor, servo seu.

BONIFACIO

Seu servo, meu senhor.

(Sae Bonifacio)

SCENA III

Os precedentes menos BONIFACIO

FREDERICO

Vê o que dá de si o ser de mais sincero ?
O que o parvo queria era claro.

SEVERO

nem chus nem bus.

Não quero

FREDERICO

Porém...

SEVERO

Não quero mais ver gente

FREDERICO

Que desatino !

SEVERO

Basta.

FREDERICO

Eu se ..

ACTO I

41

SEVERO

Não me atormente.

FREDERICO

Eu! como? em quê?

SEVERO

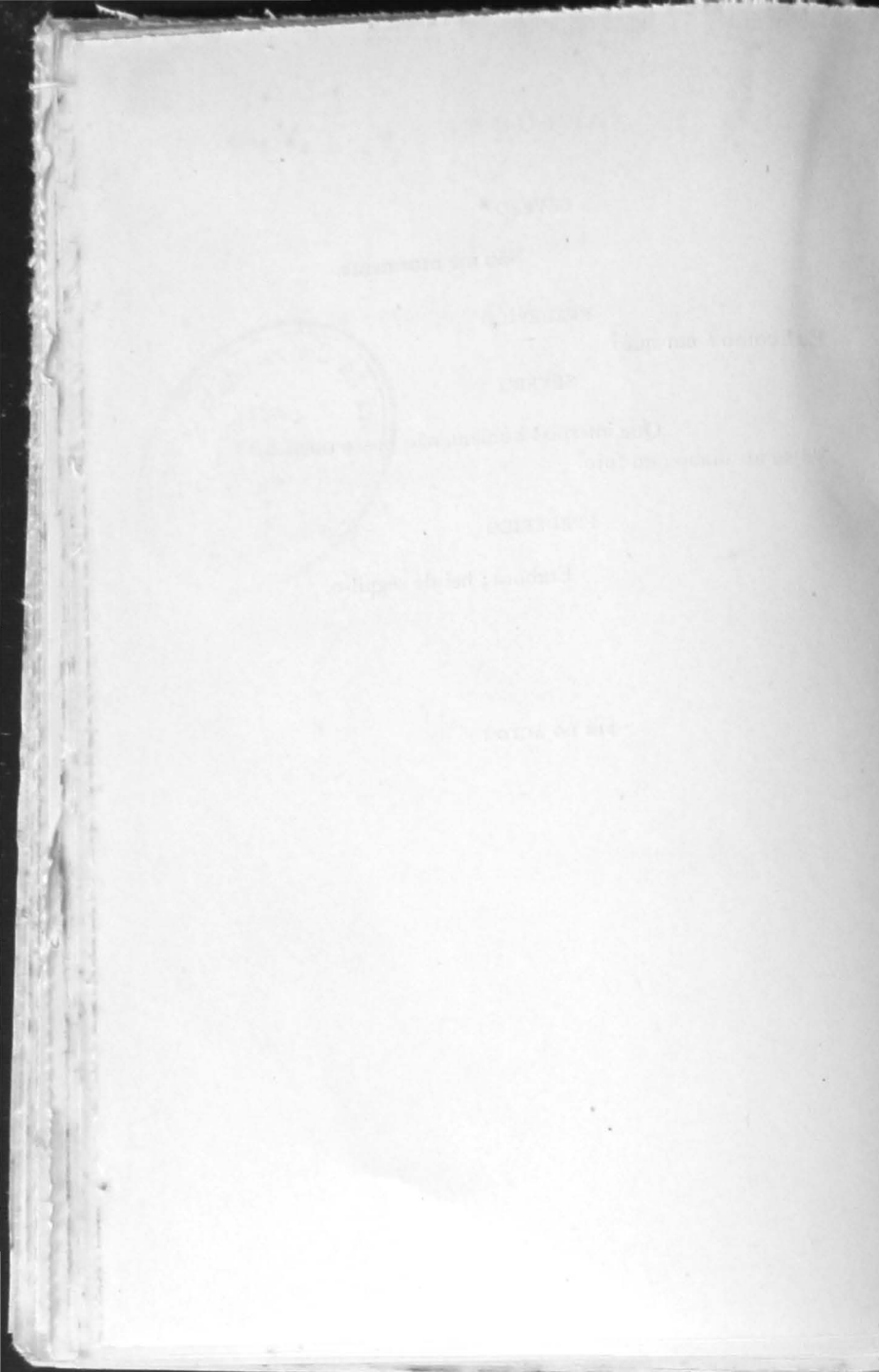
Que inferno! homem, não posso ouvi-lo.
Vá-se ao diabo; eu fujo.

FREDERICO

Embora; hei de segui-lo.

FIM DO ACTO I





ACTO II

1070

SCENA I

SEVERO e D. AMALIA

SEVERO

Senhora Dona Amalia, oiça a quem nunca mente. Isto assim não vae bem; vae mal; pessimamente; e a não querer tomar outro systema, fôra melhor e mais leal dizer-m'o já, senhora. Se as nossas relações têm de quebrar-se um dia, antes já, que depois.

D. AMALIA

Tudo que me queria
era isso? ralhar-me!

SEVERO

Eu não ralho; o que eu digo
é que esse genio assim não se dá bem comigo.
A quem quer que a procure acolhe-o de um tal modo
que parece...

AMALIA (*sorrindo*)

Pois julga?

SEVERO

Oiça. Não me accommodo
com tanta mesurice. Antes viver sósinha,
que tantos cortezãos para uma só rainha.

D. AMALIA

No agradar tenho eu culpa? eu chamo-os? não desgostam
de ver-me, e de me ouvir; não sei porquê; mas gostam;
procuram-me, recebo, e trato bem. Não acho
que os deva pôr a pau por essa escada abaixo.

SEV RO

Não é preciso pau nem pedra; o que é preciso
é não se entregar tanto, é poupar mais o riso,
é respeitar-se emfim. Sei que não é culpada
no avassallar a gente; o que me afflige e enfada
é vê-la sempre attenta, e pôr dez mil cuidados
em não perder nem um dos seus avassallados.
É isto o que lhe eu expubro; e finalmente queira
dizer-me como atura o conde da Abrunheira?
o seu chichisbéo mór, um frivolo, um madraço,
que só falla de si, dos seus avós, do paço,
das conquistas que fez, do seu cabelleireiro,
do que perdeu ao jogo...

AMALIA (*interrompendo-o*)

A vir co'o rol inteiro,
nem amanhã conclue.

SEVERO

Diga-me, com que laço
conseguiu enleal-a o fanfarrão madraço?
talvez co' o da gravata, obra prima do estudo
que o prende ao toucador boas tres horas mudo.

AMALIA (*ironicamente*)

Que temivel rival para o senhor Severo!
não sabe porque o soffro, e lhe sorrio? quero
ver se para o meu pleito empenho os influentes
de quem elle dispõe na roda dos parentes.

SEVERO

Perca o pleito; é melhor, do que fazer-me affronta.

D. AMALIA

Não tem outros rivaes? cifrou-se n'esse a conta?
Esperava achar n'ella a quantos conhecidos
me frequentam a sala e são bem recebidos.

SEVERO

Porque os acolhe bem é que elles lh'a frequentam.

D. AMALIA

Se podessem pensar tão bem como atormentam,
havam de entender estes ruins zelosos

que os obsequios a mil não são os perigosos. Feitos a um só, não digo; então é que podia, e devia, entregar-se a toda a ciúmaria.

SEVERO

Sou zeloso, confesso; e a tanto se me apura co'os zelos o pensar, que ainda ando á procura de razão que me explique o eu ter a preferencia no coração de Amalia; e se Vossa Excellencia m'a podesse explicar bem clara e convincente, grande bem me faria.

D. AMALIA

O amor (frequentemente lh'o tenho ouvido) o amor vem, ninguém sabe d'onde, nem como, nem porquê.

SEVERO (*suspirando, e como que á parte*)

E é certo. (*Outra vez em voz alta*
Mas responde
franca a outra pergunta?

[D. AMALIA

A mil, a quantas faça.

SEVERO

D'entre todos só eu obtive a sua graça,
segundo diz.

D. AMALIA (*com um arzinho de amuo*)

Ingrato!

SEVERO

E a mim que me concede
que não conceda aos mais?

D. AMALIA

Concedo o que me pede:
o amal-o; acha que é pouco?

SEVERO

Era ventura immensa;
mas quem me diz que a bocca exprime o que a alma pensa?

D. AMALIA

Ha senhora que faça igual declaração,
sem que a isso a constranja o proprio coração?

SEVERO

Quem certeza me dá de que essa mesma falla
já outrem não lhe ouvisse? ha muita actriz de sala!

D. AMALIA

Para um fino amator o comprimento é lindo!

Bem; socegue, que a actriz tem o papel já findo;
falla-lhe agora a dama. A dama se desdiz
de tudo que lhe ouviu em quanto ouviu a actriz.
Ninguem o engana já; salvo se se quizer
a si proprio enganar. Que mais franqueza quer?

SEVERO

Que exaspero! Não fosse o idolatral-a eu tanto!...
Se chego a triumphar d'este infernal encanto,
voto pesar-me a cera, e pôl-a sem tardança
como traquete roto á Virgem da Bonança.

D. AMALIA

Bem se vê: no adorar ninguem se lhe compára.

SEVERO

Inda mal que é verdade! uma cegueira rara,
inexplicavel; nunca outrem amou como eu.

D. AMALIA

Que admira! tem no amor um methodo tão seu!
tão novo e original! a sua arte de amar
diz-lhe que o bemquerer se prova co'o ralar.
Amador mais ralhão!!

SEVERO

Do seu querer depende
cortar pela raiz o mal de que se offende.
Sejamos de ora ávante ambos leaes.

D. AMALIA

Sejamos;
continuarei a sel-o.

SEVERO

Á paz enfim tornamos?

D. AMALIA

Como queira. Por mim nunca ella foi turbada.

SEVERO

Firmemos um tratado.

D. AMALIA

Ouvirei.

SEVERO

Se lhe agrada...

SCENA II

Os mesmos e PASCHOAL

D. AMALIA (*para Paschoal, que parou á porta*)

Que é?

PASCHOAL

O senhor barão da Nazareth de baixo.

D. AMALIA

Que entre. (*Sae Paschoal*)

SCENA III

Os mesmos menos PASCHOAL.

SEVERO

Pois quer?

D. AMALIA (*em tom de victima resignada
e encolhendo os hombros*)

Então?

SEVERO

N'este momento! o empacho
de um intruzo maldito!!...

D. AMALIA

É culpa minha?

SEVERO

A nós

nem um momento é dado estarmos sós por sós.
Não podia negar-se?

D. AMALIA

Era desfeiteal-o;
parecia-lhe bem?...

SEVERO

Reserva esse regalo
só para mim.

D. AMALIA

Não sabe o genio do barão!
nunca m'ó perdoava.

SEVERO

Ou perdoasse ou não,
que lhe importava?

D. AMALIA

Muito; ai! Deus me livre! altivos
da casta do barão são sempre vingativos.
Andam por toda a parte, escuta-os toda a gente,
e mulher que os desgosta é ré e padecente.
Homens de tal jaez não servem para amigos;
bem o sei; mas livrar de os ter por inimigos.

SEVERO

Bom; acha explicações, defesa, apologia
a quanto se lhe argue. Perdeu a advocacia
um rabula de truz em ter Vossa Excellencia
vindo ao mundo mulher; foi uma providencia!

SCENA IV

Os mesmos e PASCHOAL (*que torna a assomar á porta*)

PASCHOAL

O senhor conde...

SEVERO (*indignado*)

O conde?...

D. AMALIA

O conde...

PASCHOAL

Da Abrunheira.

(*Sae*)

SCENA V

Os mesmos menos PASCHOAL

SEVERO

Justo.

*(Dirige-se arrebatadamente para a porta da direita para sair)*D. AMALIA *(detendo-o pelo braço)*

Pare; onde vae?

SEVERO

Retiro-me.

D. AMALIA

Não queira

fazer papeis.

SEVERO

Não posso; ausento-me.

D. AMALIA

Não quero;

fique-se.

SEVERO

Para quê?

D. AMALIA

Mando eu.

(*Em tom mais brando*) Senhor Severo,
peço eu.

SEVERO

Ma se já sabe o tédio, a repugnancia
que essa gente me' causa...

D. AMALIA

Exijo; ordeno.

SEVERO

de me pôr (já se vê) a paciencia em talas. É ancia

D. AMALIA (*afastando-se de Severo senhorilmente*)

Basta; póde ausentar-se; inuteis são mais fallas.

(*Fazendo-lhe mesura, como quem se despede*)

Meu senhor!

(*Severo pára, como extatico, de olhos fitos em D. Amalia*)

SCENA V

Os mesmos, D. ROSALÍA, o BARÃO DA NAZARETH,
e o CONDE DA ABRUNHEIRA *(que entra ao lado d'ella)*

FREDERICO *(que segue aos tres um pouco atraç,*
e depois de todos)

PASCHOAL *(que fica á porta por onde todos entraram,*
que é a do lado direito)

ROSALÍA *(a D. Amalia, apertando-lhe a mão)*

Como estás?

D. AMALIA

Já vens do teu passeio?

D. ROSALÍA

E trago-te comigo o barão; encontrei-o
á porta do Marrare; e teve a cortezia
de vir acompanhar-me.

(D. Amalia e o barão cortejam-se)

D. AMALIA

E o conde?

D. ROSALÍA

Já subia

a escada quando entrei.

D. AMALIA

Não percebo; então onde
o viu, quando annunciou, Paschoal, o senhor conde?

PASCHOAL

Na sala verde.

CONDE

Ah! sim. Chamou-nos da varanda
o Frederico, a ver o sol, que d'esta banda
batia no repuxo.

FREDERICO

Era uma chuva d'oiro,
de esmeraldas, rubís, topasios!

CONDE

Um thesoiro,
que algum nume do Olympo estava a derramar
sobre a Venus de pedra ali d'aquelle mar.

FREDERICO

Optica mais brilhante! a propria Venus ria
de se ver nua e envolta em tanta pedraria!

D. AMALIA

Vamos ver.

D. ROSALÍA

A bom tempo! uma nuvem, que veiu velar o sol, desfez o nosso encanto em meio.

CONDE

E o barão exclamou em religioso áparte :
— «Lembre-te, Iris, que és agua, e em agua has de tornar-te».—

D. AMALIA (*rindo*)

Paciencia; não ha bis. Paschoal, cadeiras.

(*Emquanto Paschoal adianta algumas cadeiras, D. Amalia continua em meia voz para Severo*)

Fica,
senhor Severo?

SEVERO (*tambem em meia voz para D. Amalia*)

Fico; a ver se emfim me explica
tão confusa comedia. Aqui anda um logrado;
mas quem? outrem? ou eu?

D. AMALIA (*em voz baixa para Severo*)

Que imprudencia! cuidado
que o não oiçam.

SEVERO (*em particular para D. Amalia*)

Por força, ha de hoje declarar-se.

D. AMALIA (*para D. Rosália,
com o intuito de cortar a conversação com Severo*)

Achou, priminha, a seda?

D. ROSALÍA

Achei.

SEVERO (*para D. Amalia, como acima*)

Bem bom desfarce
para sair do apuro.

D. AMALIA (*tambem como acima*)

É forte desatino!

SEVERO (*do mesmo modo*)

Não vou sem se aclarar primeiro o meu destino

D. AMALIA (*em voz ainda mais baixa e impacientada*)

Deixe-me.

(SEVERO *tambem em voz sumida, e em tom mais positivo*)

Não a deixo, antes de ouvir-lhe a quem
n'este leilão se entrega o ramo.

(*D. Amalia encolhe os hombros com desprezo; vae com toda a dignidade sentar-se no canapé com D. Rosália á sua direita. O*

conde, o barão e Frederico sentam-se nas cadeiras postas diante d'ellas. Severo vae sentar-se de má cara junto á meza, abre o livro, e finge se entregue á leitura e indifferente á conversação)

D. AMALIA (*voltando-se para o conde, e compondo o semblante prasenteiro*)

O conde vem
fresquinho da sessão da camara dos pares?

CONDE

Tive mais que fazer. Um almoço em Collares
muito mais divertido.

D. AMALIA

Almoço masculino?

CONDE

E feminino.

D. AMALIA

Sim? venha o rol feminino.

CONDE

As tres graças de Gaia...

D. AMALIA

As suas tres desgraças.

CONDE

As tias e a mamã. As senhoras Fogaças.

D. AMALIA

Nada d'isso pertence ao sexo feminino.

CONDE

Não?

D. AMALIA

Por certo que não.

CONDE

Julga-as do masculino?

D. AMALIA

São do genero neutro.

BARÃO

Eu não conheço dama
que melhor lustre e aguce a frecha do epigramma.

SEVERO (*entre si*)

Bella prenda!

D. AMALIA

O barão é sempre um lisongeiro.

BARÃO

Ninguém com Dona Amalia o póde ser.

D. AMALIA

Requeiro

que se ponha já ponto em cumprimentos.

(Rosa'ia sorri por traç do leque)

BARÃO

Ponho

CONDE

Sabe Vocencia mais quem lá estava ? supponho,
que de sobra o conhece a nossa amavel musa.

D. AMALIA

Quem ?

CONDE

O marquez.

D. AMALIA

Pois não ! Oh ! que seccante ! abusa
da pieguice cortez ; enfia uns elogios
tão longos, tão sem sal, tão parvos e tão frios,
que a triste que lh'os ouve ha de sempre acabar
a bocejar ou rir, ou rir e bocejar.

CONDE

Lá caustico importuno o Henriques.

(Para D. Amalia) Não conhece ?

D. AMALIA

De mais; é tanto assim, que d'onde elle apparece desapareço eu logo. Uma vez no Rocio encontra-me, detem-me, e entra a ralhar do estio com tão seccante prosa, ao sol, uma hora e um quarto, que estive um mez, ou mais, reclusa no meu quarto co'uma febre maligna. É tal como a viuva do Heliodoro: essa então prendeu-me um dia á chuva hora e meia, a contar-me a fio uma novella em dez tomos, que lêra, e que outro monstro a ella lhe emprestou, por vingança acho que dos rigores com que ella recusára ao monstro os seus favores.

D. ROSALÍA

Não seria melhor dar á conversação outro assumpto qualquer? só a murmuração é que póde entreter pessoas tão discretas?

D. AMALIA

Diz bem, priminha; então fallemos dos poetas.

CONDE

Que faz o Bonifacio?

(Severo levanta a cabeça e fica escutando)

D. AMALIA

Eu sei! faz-se Petrarcha;
traz uma Laura sapa.

BARÃO

É o caldeirão da barca
da metrica chanfana.

SEVERO (*entre si*)

É tolo, e fallou certo.

FREDERICO

Parce sepultis.

ROSALÍA (*para Frederico sorrindo*)

Voz clamante no deserto.

CONDE

Que nos diz sobre o vate a Dona Rosalía?

D. ROSALÍA

Sou de todo profana em coisas de poesia;
que lhe posso dizer? que o acho um cavalheiro
polido, serviçal, bom par, e bom parceiro.

CONDE

Dona Amalia, que faz a sua grande amiga?

D. AMALIA

Qual?

CONDE

A Dona Virginia.

D. AMALIA

Ignoro.

CONDE

Não me diga
que ignora o que ella faz, ou far-me-ha crêr que entre ella
e Vocencia anda arrufo.

D. AMALIA

Assiste em Mirandella,
e eu em Lisboa; eis tudo; acho que estará boa.

CONDE

Como! pois não ha já correio entre Lisboa
e Mirandella?

D. AMALIA

Sim; creio que sim.

CONDE

Por tanto,
podiam-se escrever.

D. AMALIA

Não me seduz o encanto
de soletrar por dó mil e uma ninharia
postas na mais ideal, mais rara orthographia.

D. ROSALÍA

Não escreve melhor, por não saber, coitada!
mas quer-lhe muito, prima; é boa, delicada,
mui senhoril no trato, uma lingua honradora,
um nobre coração.

D. AMALIA

Bem, bem, minha senhora;
carteiem-se á vontade; é um regalo d'alma
saber se em Mirandella ha frio ou reina calma,
se os olivães vão bem, e qual é a affeição
que domina actualmente o nobre coração.

D. ROSALÍA

Chamam-me; com licença. (*Sae pela porta da esquerda*)

SEVERO (*levantando-se*)

Ávante, meus senhores;
Senhora minha, ávante; o declivio é de flores,
muito seguro e occulto á sombra das encostas;
ávante! esmordaçar aos outros pelas costas!
nã se poupe ninguem! amigos, conhecidos,

desconhecidos mesmo! aqui todos zurzidos!
Quando os virem depois, lá fóra, e pela frente,
os vingarão da injúria honrando-os servilmente.

BARÃO

Se é pella não lh'a tomo. Onde está dama...

SEVERO

A ella
primeiro que a ninguem atiro a bala ou pella,
(se pella a quer chamar); e seja-o, que em verdade
não bate n'ella só; resalta á sociedade.

CONDE

A mim tambem?

BARÃO

E a mim?

SEVERO

A todos.

CONDE (*levantando-se*)

Meu senhor!

BARÃO (*levantando-se, exemplo que é para logo seguido
por Frederico e D. Amalia*)

Meu senhor!

SEVERO

Claro e alto o digo (que eu temor
de dar razão de mim nunca o tive, e não uso
na presença approvar o que na ausencia accuso) :
digo e sustento pois : que n'esta scena indigna
se ella fez o papel de perfida e maligna,
o mais da imputação toca aos applaudidores,
que a desvairam, que ao mal a excitam co'os louvores,
trocam-lhe em atra bile a femil doçura,
e do seu melhor dom privam a formosura.

D. AMALIA

Bem vêm que este senhor timbra em mostrar-se em tudo
o contrario dos mais. Como sei que o não mudo,
calo ; a resposta deixo-a entregue ás consciencias
fidalgas e leaes de vossas excellencias.

CONDE

Tem razão.

BARÃO

Muito bem.

SEVERO

Prosiga pois, senhora ;
a sua côrte applaude, e acclama-a vencedora.
Siga ; a plateia ri ; de quem não sei, mas ri ;
de mim talvez co'o rosto, e no interior de si ;

da senhora é que não, porque o papel incrível
que desempenha é tudo, excepto só risível.

FREDERICO (*para desviar como quer que seja
a carranca do temporal*)

Pois o do meu amigo (aqui, na propria cara
lh'o digo) é mais que triste: é de uma insanía rara.

SEVERO

Suma-se-me no inferno, e deixe-me.

FREDERICO (*com a intenção de deitar agua na fervura
aos escandalisados*)

O senhor
anda fóra de si; delira; o seu furor
contra todos e tudo, a não ser já mania
notoria a toda a gente, assás o arriscaria.

SEVERO

A quê? porquê? não fique embatucado. Exponha
o que tem que dizer sem medo nem vergonha.

FREDERICO

Digo-lhe que o senhor, não sei se por capricho,
por doença, ou porquê, tem por systema fixo
andar sempre ao revez de toda a outra gente;
contradizel-a em tudo, e ás vezes cruamente,
sem causa, nem pretexto, ou sombra de razão;

ouve approvar, reprova; ouve reprovação,
defende; e sempre em furia; e sempre de maneira,
que parece odiar a humanidade inteira.

SEVERO

E odeio, sim senhor; odeio-a com justiça.
Mostre-me um homem bom; não ha. N'este, cubiça;
n'aquelle, orgulho; n'outro, a crapula sem pejo;
n'outro o amor profanado; isto é mundo? ou despejo
das escorias do inferno? a falla, que era havida
por privilegio humano, e o dom maior da vida,
tornou-se a peor praga, e o maximo flagicio;
ella a que abate a honra; ella a que exalça o vicio;
a que dá sem motivo, e sem motivo tira;
ella a mãe da mentira, e a filha da mentira;
a mentirosa mór, e sempre mentirosa.
Mentia-se a poetar, tudo hoje mente em prosa.
E eu que o vejo, eu que o oiço, hei de ser tão infame
que me possa conter?

D. AMALIA

Mas...

SEVERO

Não; não me reclame
para o campo dos vis, que não me arrasta. É pena
ver tão grande mulher tornada tão pequena,
só para se egualar ás pifias estaturas
dos lisongeiros seus. Que abjectas creaturas!

CONDE

Para mim Dona Amalia (em voz alta e sonora
o proclamo) é perfeita.

BARÃO

A vista que namora
co'as graças corporaes, debalde explora n'ella
o minimo signal de indole menos bella.

SEVERO

Vejo-os eu; sempre os vi, bem grandes, bem patentes,
de quanto a má lisonja aos corações e ás mentes
é peste corruptora, é morte deploravel.
Vejo odioso por dentro, o que é por fóra amavel;
digo-lh'ò muita vez, pois tenho por divisa
que amor quanto é maior, mais que verdade lisa.
No arguir, no exhortar, no reprehender, no impôr
ao delicto o castigo, é que se prova amor.

D. AMALIA

Segundo um tal systema, a que melhor comprôva
a um homem quanto o ama é a que o manda á cova
bem ralhado e moido. É um divertimento
ouvir este senhor!

*(D. Rosalia entra e dirige-se á prima com a intenção de dar mate
à desavença; Amalia continua)*

Que é, prima?

D. ROSALÍA

É, prima, o Bento
que manda perguntar se inda hoje sae no trem.

D. AMAL

Não sei bem; talvez não, talvez sim; não sei bem;
que espere; e (por quem é) não nos distraia, prima,
que estamos ao sermão; se é devota, ou se estima
ouvir a Arte de Amar da ultima edição,
sente-se, aprenda, e pasme.

CONDE

Optimo!

BARÃO

Que lição!

FREDERICO (*em meio á parte com tristeza*)

Mas perdida.

D. AMALIA (*para Severo*)

Desculpe a interrupção. Dizia?...

SEVERO

E digo, e direi sempre: a sã philosophia
não perdoa á mulher...

D. AMALIA (*ironicamente*)

À mulher?...

SEVERO (*proseguindo*)

E ás senhoras

inda menos tolera o serem destructoras do seu condão nativo: a timida bondade, a indulgencia, o decoro, o instincto de humildade. A amazona moral, de fero orgulho armada, mal sabe quanto perde! a cada cutilada que dá na sombra alheia, a si propria se fere no que tem de melhor. E o mundo que a venera! a prodiga! a suicida! é justa a represalia contra a mulher mordaz, senhora Dona Amalia.

(D. Rosalia e Frederico apartam-se para um canto da sala a conversarem animadamente, mas sem serem ouvidos do espectador. O mesmo fazem para outro canto o Conde e o Barão. D. Amalia abre arrebatadamente o piano, e senta-se a tocar furiosa. Severo passeia de lado a lado da scena com a maior agitação)

D. AMALIA (*levantando-se do piano a subitas, e fallando para os dois grupos, que se voltam ca'ados para a ouvir*)

Não acham esta sala extremamente fria?
Desçamos ao jardim. N'um tão formoso dia tomar um pouco o sol dá vida, meus senhores.

CONDE

É essa exactamente a opinião das flores.

D. AMALIA

Queriam retirar-se? ainda é cedo.

CONDE

Eu não.

BARÃO

Nem eu, minha senhora.

SEVERO

E nem eu. Saberão
que eu tambem me demoro em quanto lhes apraza
conservarem-se aqui.

D. AMALIA (*para D. Rosalia, que veiu para o pé d'ella,
e estando já ambas outra vez sentadas a par*)

É muito! em nossa casa!

CONDE

Eu (se não incomodo estas senhoras) tenho
todo o dia por meu.

D. AMALIA

Então já o retenho
para jantar comnosco.

CONDE

Aceito.

BARÃO

E eu, com licença,
tambem já me convidou.

D. AMALIA

É uma ventura imensa.

BARÃO

Até á meia noite, á uma, ás duas horas,
não tenho quem me espere e argua de demoras.

SEVERO

Nem eu tambem; sou livre até á madrugada,
e até ao meio dia, e sempre.

D. AMALIA

E eu condemnada
a ser seu passatempo! Inda o não tinha visto
de humor tão brincalhão.

SEVERO

Não sei brincar; persisto.
Não saio antes dos mais, nem que a policia agora
me viesse obrigar.

SCENA VI

Os precedentes e PASCHOAL (*á porta*)

PASCHOAL (*fallando para Severo*)

Senhor, tem aqui fóra
um policia a esperal-o.

(*Risada geral pela inesperada coincidencia*)

SEVERO

A esperar-me um policia?
que diz este maroto?

FREDERICO

É celebre!

CONDE

Malicia
do Paschoal; querem ver?

D. AMALIA

Pois não! era insolencia
de que o julgo incapaz.

BARÃO

Verá Vossa Excellencia.

PASCHOAL

Não será o senhor Severo Tristão?

SEVERO

Sou.

PASCHOAL

Pelo senhor por tanto é que elle perguntou.

SEVERO

Um policia !?

PASCHOAL

Um policia ; e diz que sem demora
lhe precisa fallar, e aqui o espera fóra.

SEVERO

Dize-lhe que não vou ; não tenho com tal gente
coisa alguma que ver, pouco nem muito urgente.

D. AMALIA (*para Severo*)

Julgo mais acertado il-o ouvir ; ou querendo
póde-o mandar entrar.

SEVERO (*para Paschoal*)

Pois que entre.

(*Para si*) Não entendo.

(*Sae Paschoal*)

SCENA VII

Os precedentes e o POLICIA (*que entra poucos segundos depois de ter fallado Severo, estando todos com os olhos na porta, em silencio, e com a maior curiosidade*)

SEVERO (*indo para a porta ao encontro do policia*)

Que temos? que me quer?

O POLICIA (*com o boné na mão*)

É o senhor Severo?

SEVERO

Sou.

O POLICIA (*tirando do bolso um oitavo de papel para certificar-se do nome que traç escripto*)

Tristão?

SEVERO

Sou.

O POLICIA (*afirmando-se-lhe na cara*)

Bem vejo.

SEVERO

E então?

O POLICIA

É que eu não quero
cumprir as ordens mal, á mingoa de cautella,
que n'isto da policia ha muita embaçadella.

(*Continua com os olhos no papel, e recapitulando*)

Sôr Severo Tristão... do matto; digo bem?

SEVERO (*emendando*)

De Mattos.

O POLICIA

Com licença: aqui na ordem vem
dié-dé, miá-má, toç-tos; dos mattos; é dos mattos.
Cuidei que era do matto; ha de perdoar.

SEVERO

A tratos
me põe a paciencia. Explique-se afinal:
que me quer?

O POLICIA

O senhor commissario geral
foi quem me aqui mandou. Aqui não; á morada
onde o senhor *asseste*, ao pé da Annunciada.
O seu criado então é que me encaminhou
para esta casa aqui.

SEVERO (*despropositando*)

Vá, cão!

O POLICIA

Lá vou; lá vou.
Forte genio! é por Deus não ser policia (*à parte*).

SEVERO

Então
não me diz a que vem?

O POLICIA

Venho, senhor Tristão,
dizer-lhe que o senhor commissario geral
lhe quer fallar já já.

SEVERO

De quê?

O POLICIA

Sei lá!

FREDERICO (*para Severo*)

Que tal!
aposto que hão de ser já fructos da pendencia
co'o poeta cintrão.

D. AMALIA

Como?

FREDERICO

Teve a imprudencia
de o assanhar.

D. AMALIA

A quem?

FREDERICO

Ao Bonifacio.

D. AMALIA

nada sei. Eu pasmo;

FREDERICO

O senhor, acceso no entusiasmo
do bello ideal, ousou dizer-lhe que em poesia
o tinha por onagro; ateou-se gritaria,
fallou-se de duello... Estou que o ser chamado
á policia provém d'esse desaguisado.
Quer-se ver se se impede a tempo, e sem ruido,
algum acto brutal.

SEVERO

Tirem do seu sentido
que me eu retracte.

FREDERICO

O caso agora, e o necessario,
é (visto ser chamado) ir ter co'o commissario.

SEVERO

Escusam de pensar-me em conciliações.
 Commissario nenhum, fosse elle até Camões,
 e embora me pozesse a tratos de polé,
 me faria achar bom poema tão chué.
 O soneto (dil-o-hei nas barbas do madraço)
 não vale (e já lh'o disse) os cinco réis do almaço;
 é ridículo, é falso, é tolo, é detestavel!

FREDERICO

Vamos ao commissario, e seja rasoavel,
 senhor Severo!

SEVERO

Vou; mas erra, se imagina
 que eu lhe abjure jámais o que a razão me ensina.
 Tal soneto foi, é, e sempre ha de ser, mau;
 e o querel-o imprimir só se levava a pau.

*(O conde e o barão desfecham uma estrondosa gargalhada, em
 quanto D. Rosalia e Frederico apenas sorriem tristemente, e
 D. Amalia fica séria e absorta)*

SEVERO *(depois de longa pausa, voltado para os dois primeiros)*

Com seiscentos milhões, senhores! não sabia
 que eu tinha tanta graça.

O POLICIA

Avia? ou não avia?
 O senhor commissario á espera e nós aqui ..

D. AMALIA (para Severo, em tom benigno)

Vá, vá onde tem de ir, e torne mais em si.

SEVERO

Vou; mas breve cá volto, apenas tiver dado
o ultimo desengano ao cantador Delgado;
e estimarei achal-a, ou quêda no seu canto,
ou com quem pense mais, e se não ria tanto.

*(Sae com Frederico e o policia pela porta da direita. As duas
senhoras ficam-se olhando uma para a outra. O Conde e o
barão caem mortos de riso para cima de um sofá.)*

FIM DO ACTO II

ACTO III

ΠΡΟΤΥΠΑ

SCENA I

O BARÃO e o CONDE (*passeando a par
de um lado para outro da sala*)

BARÃO

Feliz, o conde! Olé! vidinha sempre á tuna;
sem cuidados nenhuns; bemquisto da fortuna;
és de fazer inveja.

CONDE

E sou.

BARÃO

Na realidade
crês tu proprio em que o és?

CONDE

Se creio!

BARÃO

Olha a vaidade
não te engane.

CONDE (*parando*)

Ó barão, onde vês tu sujeito
mais illustre, mais são, mais rico, mais bem feito,
mais cabido no paço, ou mais accito ás bellas?
Que mais posso eu querer?

(*Continúa a passear*)

Até por uma d'ellas
já tive um desafio; e se não fosse el-rei
pedir-me por favor que não violasse a lei,
e lhe não destruísse a vida de um vassallo,
já tinha, onde me vês, fama de heroe. Não fallo
de outros titulos meus: commendador de Bunhos,
official mór da casa, herdeiro dos Abrunhos,
(que é d'onde me provém ser conde da Abrunheira)
morgado da Corjinha e da Sarrafaceira,
donatario d'Alter, e antigo dignitario
da irmandade Real da virgem do Rosario.
Já podia ser par; mas de pariato ha tanto,
que prefiro ficar-me em nunes por emquanto.
E espirito! e finura! e graça! aos elegantes
sirvo de figurino; os cafés mais flammantes
repetem quanto eu digo; e o jornalismo todo
com saber que o meu sangue é do genuino godo,
faz-me mil rapa-pés, a ver se os enriqueço
seja lá com que for; do nome é que é o apreço.
Critica, folhetins, juizos de theatro ..
se chego a resolver-me, ha de ir o diabo o quatro.
Podes-me crer, barão.

BARÃO

E creio, creio; o amigo

póde aspirar a tudo, e a muito mais. Só digo que eu, se juntasse em mim tão altos predicados, em vez de concentrar na Amalia os meus cuidados, e perder o meu tempo, ha muito que já tinha dado melhor emprego á assiduidade minha.

CONDE

Como emprego melhor? que dizes tu, barão?

BARÃO (*vindo*)

Tubarão serás tu. Mas serio: essa affeição que te escravisa á Amalia é tal, e és tão fiel que te gastes sem fructo a idolatrar Rachel? porque enfim, n'esta moita a caça que fizeres fraca ha de ser. N'um mundo inçado de mulheres que vêm á mão por gosto, é força de desgraça tornar-se o caçador caça da propria caça. Lembra-te de quem és! insurge-te, Abrunheiro! aspira a conquistar, e rompe o captivo! Mas não nos oiça alguém; disfarça e examinemos: tu d'ahi .. (*apontando para a porta da esquerda*)

Eu de cá (*apontando para a da direita*)

CONDE (*depois de examinar*)

Ninguem.

BARÃO (*tambem depois de examinar*)

Ninguem.

(*Vão ambos ás janellas do fundo olhar para o jardim, e voltam para o proscenio*)

CONDE

Podemos

fallar com affoiteza.

BARÃO

Andam ambas ás flores,
e a aproveitar o sol: a prima, e os teus amores.

CONDE

E o vate Bonifacio, o fraldiqueiro eterno!

BARÃO

Tens ciumes do vate?

CONDE

Um semsabor mais terno
nunca se viu; já fez seu sonetinho á Amalia.

BARÃO

Forte gloria! e fez outro em Cintra á Dona Eulalia.

CONDE

Á presumida?! á velha?!

BARÃO

Á velha presumida;
pois quê?

CONDE

E a Amalia soube-o?

BARÃO

Ora!

CONDE

E ficou sentida?

BARÃO

Sei lá! torceu a cara a modo de fastio.
Mas... vamos ao que importa, e deixa esse vadio.

CONDE

Com que, dizias tu que eu nada alcançaria?
põe oculos, barão; vê que ar! que bizzarria!
que bigode! que trajo! e a mão! e o pé! e a graça
que ponho no saudal-a! Emfim é uma desgraça;
não vês bem; coitadito! Ella porém... (socega)
ella, a minha Diana, é muito menos cega.
E quando eu lhe recito os versos ao piano!
põe uns olhos em mim, co'um ar tão bom, tão lhano,
(posso dizer até com tanto amor)... que vejo
não ha de tardar muito o fim do meu desejo.

BARÃO

Cuidas isso?

CONDE

Presumo.

BARÃO

Ah! presumes? não sei
qual de nós é mais cego.

CONDE

Então confessarei,
se queres, que sou eu.

BARÃO

Gostava eu de saber
d'onde te vem tal fé.

CONDE

De nada, a bem dizer;
vejo mal.

BARÃO

Tens razões ou prova concludente?

CONDE

Repito: vejo mal.

BARÃO

A Amália, seriamente,
disse-te que te amava?

CONDE (*com ironia*)

Ai não; antes me trata
que nem que eu fosse um cão. É muito, muito ingrata.

BARÃO

Ora conta-me; conta: ou se é amigo, ou não.

CONDE (*sempre ironicamente*)

Desfeiteia-me em tudo.

BARÃO

Abre-te; em conclusão:
que esperanças te deu?

CONDE

Nenhumas; o infeliz
junto d'ella sou eu; e tu o seu beliz.
Não tenho outro remedio; e um dia d'estes acho
que é melhor ir saltar de algum zimborio abaixo.

BARÃO

Um contracto, meu conde; accitas-m'o?

CONDE

Vejamos.

BARÃO

Quem primeiro obtiver da que ambos desejamos
uma prova de amor, segura, manifesta,
ganha o bolo; e a juiza e arbitra da festa

nunca mais torna a ser, por modo algum, tentada
pelo triste vencido. Agrada-te?

CONDE

Se agrada!

Topo, et vive l'amour!

SCENA II

Os mesmos e AMALIA (*que vem da esquerda*)

CONDE (*sentindo-a chegar*)

Chiton! que é ella.

D. AMALIA

Ainda

n'esta sala! tão sós?

BARÃO (*considerando o molho de flores que D. Amalia
traz na mão para as ir pôr n'uma jarra que está em cima da mesa*)

Farta colheita, e linda,
senhora Dona Amalia!

CONDE

Estavamos á espera
de que entrasse, e emfim chega a nossa primavera!
Assim a acompanhasse o amor!

D. AMALIA

Se não me engano,
parou ha pouco um trem.

CONDE

Não seja algum profano!

SCENA III

Os mesmos e PASCHOAL. (*á porta da direita*)

D. AMALIA (*para Paschoal*)

Quem é?

PASCHOAL

Uma senhorá.

D. AMALIA

O nome?

PASCHOAL

Dona Eulalia.

D. AMALIA

Jesus? que impertinente!

A: CONDE

O melhor, Dona Amalia,
é negar-se.

D. AMALIA (*para Paschoal*)

O Paschoal disse-lhe? ..

PASCHOAL

Eu já lhe disse
que estava.

D. AMALIA (*enfadada*)

pois que suba.

(*Sae Paschoal*)

SCENA IV

Os precedentes menos PASCHOAL

D. AMALIA

Ai! faz-me uma perrice
ter de aturar por força aquella mona, aquella
velhaca delambida! E as presumpções de bella
que inda ha n'aquillo! é riso! Eu tomara saber
o que ella quer de mim. Beata falsa! E ter
de a escutar, queira ou não!...

(*Vae arranjando o ramallete na jarra*)

CONDE

Despeça-a bem depressa.

BARÃO

Diga que vae sair.

D. AMALIA

Olhem que rica peça
para não perceber que isso era despedil-a!
má é, mas não é tola a velha crocodila.

CONDE

Diz que lá de moral não n'a ha mais prégradora.

D. AMALIA

Não, não; é o frei Thomaz vestido de senhora;
o Tartufo de chaile; ouvil-a n'uma sala
quando faz de modelo, e abate as mais, regala!
Todo o seu frenesi provém de ver baldados
quantos anzoos engenha á pesca de arrojados;
quando outras, sem querer, e até fugindo a amores,
vêem sempre atraz de si cardumes de amadores.
Que de invejas não cobre o seu biôco austero!
quem lhe dera um, sequer! por exemplo: o Severo!
por esse então, por esse é que a desgraçadinha
nem sabe disfarçar que almeja e se definha.
E a mim tomou-me um odio, um odio por demais.

CONDE

Ciúmes? não?

D. AMALIA

Talvez; tem todos os signaes.
Quando se falla em mim diante da serpente,
salta logo assanhada; ouviu naturalmente
que elle vinha cá muito e me galanteava.
Que amor! quem os casasse! o tigre e a gata brava!

SCENA V

Os mesmos e D. EULALIA

D. AMALIA (*correndo de braços abertos
para D. Eulalia apenas a avista d porta da direita*)

Ditosos olhos! Teve a nossa Dona Eulalia
um bello pensamento.

D. EULALIA

Ha muito, Dona Amalia,
que eu devia ter vindo...

D. AMALIA

Essa é boa! o dever
era meu.

D. EULALIA

Tal não diga; isso é mesmo querer confundir-me e ser má.

D. AMALIA

Não soffro que tal diga;
fui sempre amiga sua.

D. EULALIA

E eu sempre sua amiga.

D. AMALIA

Isso lá é verdade. Em mulheres é rara
bemquerença como esta.

D. EULALIA

Isso é. O que eu tomara
era poder provar-lhe...

D. AMALIA

Era luxo de provas;
tantas me tem já dado...

D. EULALIA

E se eu lh'as dêsse novas,
minha linda amiguinha, aceitava-as ?

D. AMALIA

Duvida ?
co'a maior gratidão.

D. EULALIA

Oiça-me pois, querida.
Hoje não venho só para matar saudades,
que devéras as tinha.

D. AMALIA

E eu suas !...

D. EULALIA

São bondades.
Mas, como ia dizendo, o que me traz aqui
é o eu dever contar-lhe o que hontem descobri.

(Olha para o conde e o barão, como para lhes dar a entender que se devem ausentar para não tolherem a confidencia. Elles saem rindo pela porta da direita).

SCENA VI

D. AMALIA e D. EULALIA

D. EULALIA

Já lá vão ; inda bem, que eu fino-me com medo
de admittir gente macha a coisas de segredo.

D. AMALIA

Não quer sentar-se ?

D. EULALIA

Ai não ; não é preciso.

D. AMALIA

Esteja
como na sua casa.

D. EULALIA

E estou.

D. AMALIA

Que me deseja
contar a minha amiga ?

D. EULALIA

Eu acho que a amizade

nada a mostra melhor do que a sinceridade ;
mórmente...

D. AMALIA

Certamente.

D. EULALIA

E muito especialmente
tratando-se da honra e do decoro. Attente
bem n'isto a minha joia.

D. AMALIA

Ora se attento ! eu sou
da mesma opinião.

D. EULALIA

No que dizer-lhe vou
provo eu por conseguinte á minha boa amiga
que é só o seu int'resse o que a fallar me instiga.

D. AMALIA

Mil vezes obrigada. Ávante ! vá !

D. EULALIA

Pois hontem...
(desejo-lh'o contar antes que outros lh'o contem)
achando-me ao serão n'uma escolhida roda
de gente seria, grave, e não d'esta da moda,

fallou-se de Vóccencia; agua vae seu caminho;
razão puxa razão; ditinho traz ditinho;
um diz fere; outro mata; olhe a maledicencia
o que faz! dentro em pouco a favor de Vóccencia
era eu sósinha em campo; os mais todos em côro
a chamar-lhe leviana; a rir com desaforo
da *namorada-mór* (é o nome que lhe davam);
nem eu devo dizer-lhe o que elles lhe assacavam!
E note, note bem que não eram pessoas
d'estas que fazem gala em denegrir as boas;
pelo contrario; e então bem vê que o ralhar n'ellas
era de boa fé; nascia de balellas
que terão já corrido ácerca de Vóccencia,
por admittir em casa, e com muita frequencia,
uns taes... (como direi?) certas firmas fallidas
no commercio do amor. Dize-me com quem lidas,
dir-te-hei que manhas tens; foi já rifão dos velhos,
e inda governa o mundo. Ha falsos evangelhos
que é bom não desprezar; o que lhe dou por certo,
é que eu, por mais que fiz, fui São João no deserto.
Occorreu-me afinal, a ver se acalmaria
a indignação geral, fingir que lhe cedia;
e disse: Dona Amalia é talvez imprudente
no receber em casa a semelhante gente,
se a recebe (o que ignoro); agora que se mude
a quebra da prudencia em quebra na virtude,
parece-me injustiça; é falta de equidade;
e para bons christãos quebra na caridade.
Nem isto as fez calar; seguiram por diante,
e cada vez a mais; eu coisa semelhante!...
Retirei-me furiosa. Achei de summa urgencia
o vir logo informar de tudo isto a Vóccencia.

D. AMALIA

Fez muitissimo bem ; mal sabe a minha amiga quanto a sua franqueza a gratidão me obriga ; e para lh'a provar, digo-lhe em confidencia o que eu tambem ouvi ácerca de Vócência.

D. EULALIA

De mim !?

D. AMALIA

Precisamente.

D. EULALIA

E a que respeito ? julgo...
que não será sobre honra.

D. AMALIA

Ai é ; bem vê que o vulgo,
fallando-se em mulher, o que vem logo á balha
em primeiro lugar é honra.

D. EULALIA

Então que ralha
da minha o senhor vulgo ?

D. AMALIA

Estive n'outro dia

n'uma bem numerosa e illustre companhia,
onde a conversação, não mui caritativa,
recaiu em Vócencia, e a poz em carne viva.

D. EULALIA

A mim! a mim! que tinha essa gente damnada
que dizer contra mim?

D. AMALIA

Testemuhos; mais nada.
Diziam que Vócencia era uma enredadeira,
uma calumniadora, uma invejosa...

D. EULALIA (*fula de colera*)

Queira
continuar; que mais?

D. AMALIA

Que a sua hypocrisia
só tolos enganava; e que, se em zelo ardia
da honra, era da alheia, a das próximas.

D. EULALIA (*pondo os olhos em alvo*)

Ceos!

D. AMALIA (*proseguindo*)

Que escusava fazer tamanhos escarceos
e virtude, pudor, decencia, e pôr-se a par

das pessoas de bem... que a haviam de evitar. Saltando então da honra a coisas mui diversas, sustentavam que tinha entranhas tão perversas, que matava de fome as pobres das criadas, de trabalho, de reza, e ás vezes de pancadas; que, se ás egrejas corre a alardear piedade, nunca vae sem carmim por cima do alvaiade; que põe véos nos paineis vestidos á ligeira, e no particular...

D. EULALIA

Vá, vá, que faço? queira pôr os pontos nos ii: eu no particular?

D. AMALIA

Não sei.

D. EULALIA

Mas diga, diga; inda é peor calar.

D. AMALIA

E eu sempre a defendel-a; e a mais sempre a saraiva de chufas a Vóccencia! Enchi-me de tal raiva, que fugi. Já descia a escada, e inda as ouvia bradar que era melhor ter menos beateria, e mais tento em si propria; e que mulher que tinha telhado tão de vidro, e ao da sua vizinha atirava pedrada, era além de insolente uma parvoa, uma doida, estúpida e demente. Repito-lhe o que ouvi. Agora lá Vóccencia fará o que entender na sua consciencia.

D. EULALIA

Eu sabia que ouvir conselhos bons desgosta;
mas nunca lhe esperei, senhora, essa resposta.
Offendeu-se; está visto.

D. AMALIA

Ai não; quer que lhe diga
muito sinceramente, e como boa amiga?
acho até que ambas nós em pormos bem patente
uma á outra o que sabe, ouve, imagina e sente,
podemos lucrar muito. O amor proprio, o interesse
cegam-nos tanta vez! (pois não é isto?)

D. EULALIA

Vê-se.

D. AMALIA

Então quando uma errasse, a outra a sangue frio
poderia advertil-a, e obstar-lhe a um desvario.
Quer Vócencia realmente? agrada-lhe isto assim?
é um mutuo seguro; util de certo a mim,
e a Vócencia, cuido eu.

D. EULALIA

Mas que disparidade!
Vócencia é boa em tudo; e em tudo eu sou maldade!

D. AMALIA

Nada ha que não se preste ao louvor, e á censura,
 A idade, o genio, o humor de cada creatura
 é que fazem com que ella, em plena boa fé,
 tenha por mau ou bom aquillo que o não é.
 Tudo tem o seu tempo: ha um das gallanices;
 outro da affectação, biôcos, e momices.
 Quando o estio é passado, e já se esfolha outomno,
 póde o alegre folgar trocar-se em grave entono.
 Borboleta num dia, é n'outro centopeia;
 a que tem azas folga; a que as perdeu faz teia.
 Tambem eu, se antes d'isso a morte me não leva,
 hei de pagar em prata
(apontando para o cabelo) a guloseima de Eva;
 mas coração ao largo! em vindo os desenganos,
 vieram; por agora estou nos meus vinte annos;
 sou viuva, sou livre, emfim sou mariposa
 que ama brilhar ao sol, de flor em flor, não pouosa,
 não se deixa prender. Em que eu ponho cuidado,
 é em fugir ás mãos de certo infante alado;
 negaceio-lhe, sim, mas sempre acautelada.
 Viu já sincera igual?

D. EULALIA

Ai nunca; estou pasmada
 da importancia que liga aos vinte annos! Vinte annos
 são prazo tão fatal, que logo os ceus tyrannos,
 á que apenas transpoz os vinte, ou mesmo os trinta,
 a aposentem ao canto, e já de roca á cinta?
 Pecuinhas d'essa casta acho-as de bem mau gosto.

D. AMALIA

Serão; mas quem se quer livrar d'esse desgosto, abstem-se de trazer sempre e sempre entre dentes a quem lhe não fez mal. Pagam os innocentes pelos culpados; eu mereço castigada por outrem lhe fugir em quanto eu sou buscada ?

D. EULALIA

E quem é que lhe inveja as duzias de arrojados com que tanto se ufana ? Aos olhos mais tapados é claro como o sol que se esses meus senhores não lucrassem no amar, largavam taes amores ; salvo, se os quer pintar tão anjos, ou tão rudes, que para os captivar lhes bastam as virtudes. Menina, olhe que o mundo é velho, e mui ladino ! mulher nenhuma o logra ! escusa o deus menino mascarar-se-lhe em santo, e vir-lhe com parolas ! lá milagreiro, é elle ; e dá muitas esmolos. Tambem, se assim não fosse, o ardor dos seus devotos esfriava depressa ; e adeus funcções e votos ! A que tem muita côrte, é porque a paga ; entende ?

D. AMALIA

Pois se tão facil é que do querer só pende, porque a não tem ? será por falta de a querer ? não me parece.

D. EULALIA

Basta. A senhora, a meu ver,
não se acha bem.

D. AMALIA

Mui bem; pois não! na sociedade
de quem por seu exemplo (e até por sua idade)
me póde aconselhar!

D. EULALIA

Voto que terminemos
uma conversação que levaria a extremos.
Se tivesse chegado a minha carroagem
ia-a já restituir á sua jardinagem,
que estava, quando entrei, compondo aquellas flores;
não?

D. AMALIA

Sim, minha senhora.

D. EULALIA (*apontando para a jarra*)

E que lindos *amores!*
e que abundancia! acho isso um entretenimento...

D. AMALIA

De invejar; pois não é?

D. EULALIA

De certo; o que eu assento
 é que não betam bem com tanto *amor perfeito*
 as *saudades* a par; fazem um triste effeito;
 verdade é que lá estão a corrigil-o em parte
 os *brincos de viuva*.

D. AMALIA

É força que me aparte;
 chamaram-me; não sei se não terei demora;
 mas não faço aqui falta;
 (*olha para a porta da direita*) em muito boa hora
 lá vem quem n-a entretenha; e melhor que eu.
 (*Fazendo-lhe uma mesura de despedida*)

Senhora...

D. EULALIA (*mesurando tambem*)

Minha senhora...

D. AMALIA (*entre si, perto já da porta da esquerda,
 por onde vae desaparecer*)

Serpe!...

D. EULALIA (*tambem entre si*)

Ápage! seductora!

SCENA VII

D. EULALIA e SEVERO (*que vem da sala da direita*)

D. EULALIA

Caro senhor Severo ! a nossa viuvinha
pediu-me o entretivesse em quanto ella não vinha,
e me não chega o trem. Não me podia impor
tarefa de mais gosto ; e se me faz favor,
sentemo-nos. (*sentam-se*) Mal posso explicar-lhe a ufanía
que tenho em conversar com Vossa Senhoria ;

(*Severo torce-se todo*)

um cavalheiro tal, que em toda esta cidade
passa por exemplar de siso e probidade ;
tanto assim, que eu por fé, já antes de o tratar,
lhe erigi no meu peito um solio, e mesmo altar.

SEVERO

Nem sou santo, nem rei, nem tenho Senhoria ;
queira continuar.

D. EULALIA

Homens de tal valia,
que bem que não ficava ao rei o procural-os
co'uma lanterna accesa ! achando-os, assental-os
mesmo á beira do throno, e ouvir-lhes os conselhos,
em vez de trazer tudo em mão de rapazelhos
sem prudência, nem honra, e nem temor do Altissimo

Mas a côrte (o costume é velho, e até velhissimo) não cura de saber quem vale ou quem não vale. Se Vossa Senhoria achar bom que eu lá falle, prompta, e co'o maior gosto ; ha lá uma retreta que eu trato por priminha ; ha a Dona Julieta, que me presta attenção ; por tanto, se lhe agrada... posso...

SEVERO

O que ?

D. EULALIA

Sim, digo eu, que sem requerer nada, só pela intervenção das damas com quem fallo, póde obter... eu sei lá ! El-rei até creal-o official da casa.

SEVERO

A mim !

D. EULALIA

Pois não ! senhoras são (não póde ignoral-o) optimas protectoras.

SEVERO

Nunca pude entender a gloria de subir de Rei na minha casa, a moço de servir.

D. EULALIA

Mas ha outras mercês.

SEVERO

E que merecimentos
tenho eu para as obter? mercês sem fundamentos
ficam mal ao que as dá, e mal ao que as recebe.

D. EULALIA

Que escrupulos, meu Deus!

SEVERO

Sei que me não percebe;
paciencia.

D. EULALIA

Ah! sim; percebe; ás outras preeminencias
reune a da modestia. Eu é que sei que ausencias
lhe fazem lá no Paço; e pessoas machuchas!
não crê? pois póde-o crer.

SEVERO

Sim, quando eu crer em bruxas.
Senhora, o nosso tempo é fertil de elogios;
não vejo por ahí parvos, ladrões, vadios,
que por esses jornaes os não apanhem. Tenho
um moço, alvar de todo, o qual traz summo empenho
de ser de um theatrinho ha muito projectado,
co'o fim, e só co'o fim de ser elogiado.

D. EULALIA

Isto fica entre nós; dê-me o senhor Severo carta branca, amacie um tanto esse ar austero, e verá se na côrte o não emprégo.

SEVERO

O meio

é lisongeiro e honroso em summo grau; mas creio que havia arrepender-se.

D. EULALIA

Arrepender-me!

SEVERO

Certo.

Eu nos ares de um Paço! antes nos de um deserto. Não deitava um mez fóra; um mez! nem um só dia. Tenho de meu ser franco, e já não aprendia a arte de rir sem gosto, e de chorar sem pena; de descumprir á justa o que o juizo ordena; de enganar sempre e sempre, e andar, como a toninha a mergulhar a tromba e recurvar a espinha; são boas prendas, são; e prestam; mas lá d'isso não sei; nasci de ferro, e pouco dobradiço.

D. EULALIA

Bem; deixemos a côrte; e a dizer a verdade,

acho que tem razão; lá tudo é falsidade;
posto que fóra d'ella ha tambem tanta!...

SEVERO

Creio.

D. EULALIA

Pois em pontos de amor!

SEVERO

Diz bem.

D. EULALIA

'Stá o mundo cheio
de falsas.

SEVERO (*depois de alguma hesitação*)

Oh! se está!

U. EULALIA

Não falle assim perplexo;
chego-me a envergonhar de ser do mesmo sexo.

SEVERO

Com razão.

D. EULALIA

Quanta vez um nobre cavalheiro,
bonito, esbelto, sabio, honesto e verdadeiro,
não cae, sem o cuidar, como ave, na esparella,

nos laços de uma Circe, indigna de ser bella !
Eu por mim, tenho um dó dos senhores varões !

SEVERO

Com razão.

D. EULALIA

Quando os vejo a idolatrar dragões,
que até chego a chorar; e então, digo eu comigo :
parece-me manjinga e enguiço do inimigo,
que sempre na peor d'entre cem mil peiores
é que acerta o melhor d'entre cem mil melhores.
Pobre senhor Severo ! és credula, ó virtude.

SEVERO

Pasmo, se é Dona Amalia aquella a quem allude.
Suppunha-a sua amiga.

D. EULALIA

E somol-o. Entretanto,
a minha consciencia, e eu ver amor tão santo
empregado tão mal, obrigam-me a lhe expor
com lealdade o que entendo ácerca d'esse amor.

SEVERO

Penhora-me, senhora, um tão gratuito zelo.

D. EULALIA

Somos amigas, sim ; mas sempre hei de dizel-o :

para um senhor tão bom, não serve .. em fim : não serve ;
está fria de neve, e inculca-lhe que ferve.

SEVERO

Bem póde ser ; mas fôra (acho eu) mais caridoso
não vir co'um olpe assim matar o meu repouso.

D. EULALIA

Se um desengano o afflige, estou calada.

SEVERO

Não.

Já que principiou, finde, por compaixão.
A duvida a quem ama é dôr de tal braveza,
que excede á propria dôr da ultima certeza.
Accuse-a muito embora, ou muito na má hora,
mas com provas reaes, clarissimas.

D. EULALIA

Agora,

já que as pede, me obrigo a dar-lh'as terminantes.
Queira-me acompanhar a minha casa ; e se antes
de uma hora, não mais, o não convenço, quero
ficar tida por vil. Vamos, senhor Severo.
Firo-o no coração ; bem sei ; mas a ventura
fará (permitta-o Deus) que eu possa achar-lhe cura.

FIM DO ACTO III

ACTO IV

VIOTOA

SCENA I

ROSALÍA e FREDERICO

FREDERICO

É verdade: não ha, não póde haver, teimoso
mais ferrenho, mais cru, mais hirto, mais iroso,
que o nosso pob.e amigo. A tal conciliação
fez-nos suar.

D. ROSALÍA

Por força.

FREDERICO

Era uma obstinação
com visos de loucura. O commissario, ás boas,
com paciencia heroica; eu, e mais seis pessoas,
a darmos-lhe razões, a instal-o, a idear coarctadas
para o tirar do apuro...

D. ROSALÍA

E nada?

FREDERICO*

E dez mil nada;

(Imitando o tom de Severo)

- « Não, senhor commissario; e tenha paciencia;
- « não me desdigo; em tudo hei de a vossa excellencia
- « obedecer; em tudo, excepto n'esse ponto;
- « n'esse não, que não posso; em tudo mais, mui prompto.
- « E que importa ao senhor que eu falle como penso?
- « se escreve mal ou bem, se tem ou não bom senso,
- « que tem isso que ver co'a sua prohibidade?
- « pôde um homem ser santo, e cheio de asnidade.
- « Moral e intellectual são pontos mui diversos;
- « justos, santos até, podem fazer maus versos;
- « quem lhes pega? e o senhor com que direito exige
- « que eu me corrija a mim, se a si se não corrige?
- « nada seu lhe contesto; é nobre é delicado,
- « bastante obsequiador, bem feito, bem trajado,
- « canta, cavalga bem, joga com bisarria,
- « mas a escrever claudica, e estende-se em poesia
- « Ahi está; pois isto offende? é-se obrigado acaso
- « a pagar fôro em metro ás deusas do Parnaso?
- « se não se é, não se deve andar sem arte e veia
- « a versar; só se for sob pena de cadeia,
- « de degredo, ou de morte. » Eis quasi textualmente
- a sua apologia.

D. ROSALÍA

É de abismar a gente!

FREDERICO

Só na peroração, já um tanto em si tornando,

é que disse ao contrario, em tom cortez e brando :
« Realmente, senhor meu, sinto mágua, e não pouca,
« de me ter feito Deus assim de tão má bocca ;
« achar bello o soneto era o que eu mais queria,
« só para dar prazer a vossa senhoria. »
Abraçaram-se os dois ; deu-se o auto por concluso ;
elle saiu bramando, e o vencedor, confuso.

D. ROSALÍA

É muito original ! coitado ! mas de veras
que em honra e lealdade alembra antigas eras.
Aqui dão-n'o por doido ; a gente de algum dia
(talvez com mais justiça) heroe o chamaria.
De mim para comigo, admiro-o.

FREDERICO

Tambem eu ;
e inda me assombra mais, que um genio como o seu
ame ; e a quem ? á priminha.

D. ROSALÍA

Ahi 'stá ; nas affeições
nada pode a cabeça, e tudo os corações.
Bem claro aqui se vê que a terna sympathia
não depende de haver nos genios harmonia.

FREDERICO

Mas crê no amor de Amalija ? As mostras.. eu suspeito..

D. ROSALÍA

Quem pôde adivinhar o que ha dentro n'um peito ?
 Eu julgo que nem ella, a querer ser sincera,
 saberia explicar-lhe o que lá dentro impera.
 Julgo que lhe acontece ás vezes estar fria,
 e imaginar-se a arder ; depois lá vem um dia,
 em que (sem o cuidar) acorda namorada.

FREDERICO

O que eu não comprehendo é como houvesse fada
 que podesse juntar, por mera travessura,
 Amalia e Rosalía ; o siso co'a loucura.

D. ROSALÍA

Seu marido ao morrer pediu-me um juramento,
 que eu não pude negar-lhe em tão fatal momento,
 de olhar por ella sempre. A cruz que elle depunha
 recaiu sobre mim ; aguento-a ; mal suppunha
 que tão pesada fosse ; emfim, foi sina minha.

(sorrindo)

Nasci para guardar no campo uma dóninha.
 E o senhor Frederico ?

FREDERICO

Eu tenho igual fadario :
 ando a guardar no mundo um atrabiliario.

D. ROSALÍA

Realmente é virtude.

FREDERICO

É simples cumprimento
de um sagrado dever. Este homem, tão violento,
que se destemperou com Seneca e Epicteto,
era um bom coração, cheio de mimo e affecto.

D. ROSALÍA

Vê-se ainda.

FREDERICO

Houve um lance horrendo em minha vida,
em que elle m'a salvou, e a honra; é pois devida
toda a dedicação, que eu desde aquelle instante
lhe votei, lhe consagro, e em que hei de ser constante.
Temo-lhe no porvir desgostos, que por ora
nem possiveis suppõe. Se em vez da que hoje adora
se dedicasse a outra, a uma que aprecia
o que a hombridade val, quanto melhor faria!
vira-o inda feliz; compensação devida
a quem levou té hoje a mais acerba vida,
sem culpa alguma sua, e só pelo peccado
de ser entre ruins pertinazmente honrado.

D. ROSALÍA

O assumpto é de melindre. Outra no meu logar
negava, ou se calava; eu fallo, sem negar.

Ao senhor Frederico, a tão leal amigo,
nada se ha de esconder.

FREDERICO

Mil graças!

D. ROSALIA

Eu lhe digo:

vejo bem que elle a adora e não lh'o estranho. Juro
que a depender de mim dar-lhes um bom futuro,
casava-os; mas tambem, no caso mui possivel
de eu ver que d'esse enlace, aos dois incompativel,
elle, mesmo por si, muito espontaneamente,
se arrancava, e ao sair do seu martyrio ardente
precisava, queria, uma consoladora
e a procurava em mim, eu sem pesar lh'o fôra.

FREDERICO

E eu tambem sem pesar um laço abençoaria,
que ao salvo e á salvadora encheria de ufania.
Elle proprio que diga o que me tem ouvido
n'este particular, e sempre em igual sentido.
Mas agora tambem, se entre Rosalia e Severo
se chega a dar consorcio, e feliz (não n'o espero,
mas é possivel), diga: acaso me permite
que eu proprio para mim submisso sollicite
a invejavel mercê que estive requerendo
em favor de um amigo, e que lhe obtinha?

D. ROSALÍA

Entendo

que a pergunta é gracejo.

FREDERICO

Oh! não, senhora minha;
falla-lhe o coração; não vê, não adivinha
quanta alma tão gentil, a tantos dons unida,
seria aos olhos meus o summo bem da vida?

SCENA II

Os mesmos e SEVERO (*que vem da porta da direita*)

SEVERO

Venho doido, senhora; imploro-a que me vingue
de uma affronta mortal, affronta que me extingue
constancia, orgulho, amor, tudo a um tempo.

D. ROSALÍA

Que affronta?

declare-a; se de mim pende o vingal-o, prompta.
Que foi?

SEVERO

Se terra, mar, estrellas, universo,
tudo ao cahos volvesse a subitas submerso,

não me assombrara tanto Acabou todo o amor
que ardia aqui tão vivo e tão leal.

D. ROSALÍA

Senhor,
faça por serenar-se, e explique-se.

SEVERO

Não sei ;
não posso ; enlouqueci.

D. ROSALÍA

Rogava-me...

SEVERO

Roguei ?
não me lembra. Oh ! meu Deus ! com tanta formosura
como se pôde unir tão barbara negrura ?

D. ROSALÍA

Mas emfim, desafogue, e buscar-se-ha conforto
ao mal, se for sem cura.

SEVERO

Estou perdido ! morto !
Andava a escarnecer-me aquella fementida.

D. ROSALÍA

Amalia ?

SEVERO

Amália, sim; pois que outra? alma perdida!

FREDERICO

Alguma suspeitinha; as lentes do ciume
tornam qualquer argeiro um monstro de volume.

SEVERO

Ninguém o chama aqui; deixe-me; já o aviso.

(Para D. Rosália)

Para certeza inteira, eu de que mais preciso,
tendo este documento infame testemunho
feito, escripto, assignado, aqui do proprio punho,
aqui, aqui, aqui, Amália de Oliveira?

*(Aponta raivosamente para a assignatura de uma carta que tirou
do bolso, e torna a recolher)*

D. ROSALÍA

Não será falsa a carta?

SEVERO

A carta é verdadeira;
falsa é quem n'a escreveu.

D. ROSALÍA

A quem?

SEVERO

A André Leiria,
de todos meus rivaes o que ella mais fugia.

FREDERICO

Nem toda a carta é prova; ha culpas na apparencia,
que explicadas depois realçam a innocencia;
não é bom trovar logo.

SEVERO (*para Frederico*)

Inda não me entendeu;
que se metta comsigo, e deixe o que é só meu.

D. ROSALIA (*para Severo*)

Aggrava-a sem motivo.

SEVERO

A Dona Rosalia
é que eu peço me vingue, e puna a fellonia.
Ajude-me, senhora, a odiar aquella ingrata,
a quebrar-lhe o feitiço, um feitiço que mata,
que deshonra, que inferna; um barbaro feitiço
que eu por mim só não venço, e aniquilar cubiço.

D. ROSALIA

Mas como? que posso eu?

SEVERO

Póde acolher piedosa
um coração fugido ás mãos de uma aleivosa,
um coração leal, que hauriu no captivo
mais forças para amar ao bom, ao verdadeiro,
ao mimoso sentir, ao pensar justo e nobre,
ao que lá vira em sonho, e claro aqui descobre.

D. ROSALÍA

Triste amigo! avalio a dôr que o desespera,
e mulher sou; não tenho um coração de fera;
feliz se posso ao mal que a todos nós consterna,
como mãe, como irmã, e amiga, e esposa terna,
dar allivio e consolo. Entretanto serene,
e pensemos pausado. O dizer-lhe «não pene»
era um logar commum, futil banalidade
entre nós descabida; uma barbaridade.
Agora o que a razão sem duvida prescreve
é que um passo fatal nunca se dê de leve;
será tamanho o mal como se lhe figura?
talvez não; e a vingança então vem prematura.
Quando a offensa provém de encantador objecto,
que vãs tenções não fórma em seu delirio o affecto?!
Diz-se: «quero-a odiar, e agora eternamente;»
chega a formosa ré, sorri, fica innocente.
Arrufos passam breve.

SEVERO

Ah! Dona Rosalía

não tomou inda o peso á affronta que avalia.
Desprezo-a, deixo-a, fujo. Escute! é ella! e canta!!

*(Ouve-se D. Amalia que vem cantarolando, já perto de entrar em
scena pela porta da esquerda)*

Canta o monstro! a sereia a mim já não me encanta,
vou-lh'o provar, rir d'ella e ufano transportar
aos olhos seus, o amor para mais digno altar,

(D. Rosalía e Frederico saem pela direita)

SCENA III

SEVERO e D. AMALIA *(que vem do lado esquerdo)*

SEVERO *(para si)*

Poderei dominar-me?

D. AMALIA

Ui! Deus meu! que semblante!
como vem transtornado! esse olhar fulminante,
esse arquejar gemendo infundem-me terror.

SEVERO

E a mim tal placidez congela-me de horror!

D. AMALIA

Como? que diz?

SEVERO

Que os ceos em hora de castigo,

que os demonios do inferno em colera comigo,
não podiam formar mulher mais depravada,
mais falsa, mais sem fé.

D. AMALIA (*sorrindo*)

Do que eu?

SEVERO

De certo.

D. AMALIA

Amada

com maior profusão de phrases derretidas,
nunca a houve.

SEVERO

Esse rir co'as faces incendidas
é mentira tambem; não force o riso; a hora
é mais para chorar, que para rir. Sim córa,
córa, assaz tens de quê, algoz cujo rigor
matou em ti o anjo, em mim o adorador.
Muito ha que eu presentia a horrenda desventura
pairar-me em derredor sumida em sombra escura;
chamavam-lhe illusões, suspeitas vãs, delirio
de coração zeloso; e no candido lyrio
que eu cingia ao meu peito, e com fervor beijava,
a vibora a cevar-se! emfim salta, e me crava
no mais intimo d'alma os dentes venenosos!
Vendo no teu olhar lampejos amorosos,
queria crer em ti, mas sempre voz secreta
cá dentro a murmurar-me agoiros de propheta.
Não; illusão total, actriz, nunca attingiste;

d'essa vangloria estulta, em que te pez, desiste.
 Caes emfim; e eu resurjo agora resoluto
 a vingar-me, a cambiar-te a regia pompa em luto,
 a punir-te, a mostrar-te ás turbas tal qual és.
 Treme, que hei de vingar-me. Assim se calca aos pés
 o orgulho, o coração, todo o porvir de um homem,
 por mero passatempo? as como tu que tomem
 no teu castigo exemplo. Eu bem sei que a ternura
 não se impõe; que no amar é livre a formosura,
 como no desamar, como até no antepôr
 ao seu amor primeiro outro insperado amor.
 Mas o que eu não sabia, e não entendo ainda,
 é ter uma senhora o jus, só porque é linda,
 de enganar, de trahir, de escarnecer, vendendo
 amor falso por bom! de bella mestra aprendo!
 Oh! se me hei de vingar!

D. AMALIA

Porém de quê? primeiro
 explique-me de quê; não é de justiceiro
 condemnar e punir, sem ter sequer mostrado
 o corpo de delicto ao pobre condemnado,
 Eu que fiz? está louco?

SEVERO

Estou, desde que a vi;
 desde que n'esse olhar fascinador sorvi
 este filtro mortal, que entrou de veia em veia
 a correr-me suave, e agora me incendeia;
 louco, mil vezes louco, emfim, desde que pude
 crer-lhe franqueza, fé, bondade, amor, virtude.

D. AMALIA (*gombeteando*)

E eu depois como o fiz perder tão bom conceito?

SEVERO

Que doblez! que artificio!

D. AMALIA

Imputações rejeito;
rejeito-as com desprezo a quem m'as não comprova.

SEVERO

Quer?

D. AMALIA

Quero.

SEVERO

Veja bem; quer que lhe exhiba prova?

D. AMALIA

Já já, se a ha, se a tem.

SEVERO (*mostrando-lhe uma carta*)

Conhece a letra?

D. AMALIA (*depois de ter corrido pelos olhos o escripto*)

É minha.

SEVERO

Escreveu esta carta ?

D. AMALIA

Escrevi.

*(Severo fica por longo espaço espantado da confissão. D. Amalia
depois de longo silencio continua)*

O que tinha
para desmascarar-me era isso ? mais nada ?

SEVERO

E acha pouco ? e não cora ? e ri ?

D. AMALIA

Maravilhada
do que pôde o ciume, até nos de mais siso.

SEVERO

E eu pasmo do impudor. Aterra-me esse riso.
A perversão completa ! o bello ideal do crime !

D. AMALIA

Sublime insultador !

SEVERO

Desfaçatez sublime !
é sua a carta, ou não ?

D. AMALIA

Segunda vez? repito:

é minha.

SEVERO

Não a nega?

D. AMALIA

Eu! como! tendo-a escripto!

negal-a para quê?

SEVERO

Por tanto, já confessa
que a outrem do que a mim ternuras endereça.

D. AMALIA

Isso que tem?

SEVERO

Que tem!? o homem de quem se ria
era um rival feliz!...

D. AMALIA

Quem? quem?

SEVERO

O André Leiria.

D. AMALIA (*vindo*)

A que vem tal figura ao nosso caso?

SEVERO

Vem

que a senhora lhe escreve.

D. AMALIA

Eu! eu! se houver alguém
que lhe ouse dizer tal, responda affoitamente
ao baixo delator, que mente, e que remente.

SEVERO

Ou lhe escreveu a elle, ou a outro qualquer.

D. AMALIA

Mas se o outro fosse *outra*, e o tal feliz, mulher!?

SEVERO

Admiravel saída! astucia tão grosseira
chega a causar-me dó. Queira explicar-se; queira
decifrar-me esse enigma, astuciosa esphinge;
Severo sou, não sou Édipo qual me finge.
Tal fogo, tal paixão, mostre-me, se poder,
que usasse tal jámais mulher para mulher.

D. AMALIA

Podia, mas não quero; entende-me? não quero.

E quem lhe deu a audacia e o jus, senhor Severo, de interrogar-me? eu não; nem lh'o dei, nem lh'o dou.

SEVERO

Excedi-me, desculpe; alienado estou.
Não mando; não exijo; imploro me convença de que amizade e amor não fazem differença no idioma feminino, e a mesma phrase acerta a João, e a Joanna; a Alberto, como a Alberta; estylo hermaphrodito; invento dos mais uteis.

D. AMALIA

Deixe ironias vãs, e subtilezas futeis.
Conclua; que me quer? faz-me nervosa.

SEVERO

Peço

que, para me acalmar este zeloso accesso, se digne de explicar-me o sentido que liga a cada phrase aqui, se se refere á amiga; por quem é, não se enfade; explique-se, e verá como lhe beijo as mãos.

D. AMALIA

Pois não m'as beijará,
que n'isso não o sirvo. Essa carta escrevi-a realmente ao... como disse?... ah! sim! a André Leiria.
Tenho um fraco por elle; uma paixão até,

que nem posso explicar-lhe! estalo pelo André.
Acho-lhe immensa graça; uma amabilidade!...
Já me pôde louvar pela sinceridade.

(Com summa ironia)

E agora pôde-se ir; deixe-me algum repouso,
que bem careço d'elle após o doloroso
sacrificio que fiz; mas emfim, confessei-me;
sinto-me alliviada.

SEVERO *(com a maior dôr)*

E obstina-se?

D. AMALIA

Não teime;
não pergunte mais nada; eu já lhe disse tudo.
Amo a André; amo a André; sou d'elle, e já não mudo.

(Dirigindo-se para o piano)

Deixem-me recordar *O Beijo*, a melodia
com que tanto se enleva o meu André Leiria.

(Em quanto executa a valsa do Beijo, está sorrindo a observar no espelho collocado por tras do piano a agitação violenta, porém muda, de Severo, perplexo entre prostrar-se-lhe aos pés, e fugir, e fluctuando entre o furor e a ternura. Concluida a valsa em tom de desfallecimento pianissimo, D. Amalia levanta-se para sair pela porta da esquerda)

SEVERO *(atravessando-se-lhe diante, e apertando-lhe as mãos com violencia)*

Mulher! mulher! piedade! endoideces-me; abusas
do teu fatal condão. De delirar me acusas,
mas será culpa minha, ou tua, este delirio?

Lança-se alguém por gosto aos fogos de um martyrio?
Applaca-te; perdão se te offendi; se ingrato
(ajoelhando sem lhe largar as mãos)
sem querer te insultei, submisso me retracto.

D. AMALIA *(forcejando por se soltar)*

Póde vir gente; vá-se; é mais do que imprudencia.
Que ridicula scena! ausente-se.

SEVERO

Clemencia!

D. AMALIA

Não me prenda, senhor! respeite a dignidade
de uma senhora livre e honesta, e que não se ha de
consentir por ninguem jámais desattendida.

SEVERO *(largando-lhe as mãos, e levantando-se
humilhado, confuso e arrependido)*

Foge-me?

D. AMALIA

E para sempre.

SEVERO

Amalia!

D. AMALIA

Esta ferida

que hoje me abriu no peito, e com que eu não contava,
 só de o ouvir, só de o ver, parece que se agrava.
 Fujo; careço de ar; expirarei, mas seja
 onde o meu assassino ao menos me não veja.
 Adeus!

(Finge um transporte involuntario; beija o na testa; mostra se arrependida do que fez; quer fugir envergonhada para a porta da esquerda, e vae-se deixar cair como desfallecida para cima do canapé, tapando os olhos com o lenço)

SEVERO *(depois de dilatado silencio, ajoelhando outra vez voltado para ella, porém a grande distancia e de mãos postas)*

Amalia! Amalia! ou culpa tua, ou minha,
 separa-nos um fado; o peito m'o adivinha.
 Perdi-te! para que era ao mal do apartamento
 juntares este novo, este infernal tormento?
 O teu beijo primeiro! o ultimo teu beijo!
 vi rasgar-se-me um ceo! de novo o inferno vejo!
 Já que principiaste, acaba-me; abrevia
 os transes d'esta horrenda e incrível agonia;
 ou sê minha, só minha, e minha inteiramente,

(Levanta-se, dirige se para ao pé de D. Amalia, toma-lhe a medo as mãos, que ella deixa ir automaticamente e sem destapar os olhos)

ou mata-me. Sim, tudo, excepto a dôr presente.

D. AMALIA

Matar-te a que está morta? a que mataste!

SEVERO

Falla! falla!

defende-te, anjo meu, do crime que eu sem tino
me atrevi a imputar-te, e pune este assassino;
e não tornes jámais, não tornes, boa fada,
a fazer-me o papel de barbara e culpada.
Vês tu? nada mais peço, e nada mais cubiço.
Justifica-me a carta, e basta; só com isso
pões-me n'um paraizo. É facil; eu te aujdo;
começa; eu posso, e quero, e devo, crer em tudo.

D. AMALIA

Doidinho! merecia (oh! merecia-o bem!)
nunca mais encontrar o amor que se lhe tem.
Tomara me dissesse, este senhor ciumento,
quem me obrigava a mim, tendo o meu peito isento,
a fingir-lhe ternura? e mais: por que motivo,
a ter eu n'outra parte o coração captivo,
lh'o não declararia, e co'a maior franqueza?
por bem seu, por bem meu, e até pela certeza
com que ao outro eu provava o meu sincero amor.
Dizendo-lhe que o amo, acho que sem favor
podia acreditar-me; aliás era uma affronta
que a mim e a si fazia. Agora, ajunte á conta
mais esta addiçãosinha. Entende que uma dama,
quando chega a dizer ao que a venceu que o ama,
não faz um grande esforço? o tremulo da voz,
o acceso do rubor que o digam. Pois se a nós
tanto custa a transpor esta fatal barreira

com que a honra nos guarda, é, ou não é, cegueira
 n'um homem não ver logo, e só por este indício,
 o summo da paixão no summo sacrificio!
 Não me torne a ser mau; vá lá, por esta vez
 perdôo-lhe a injustiça, e a dôr que aos dois nos fez.
 Mas deixe-me sair, que abafa aqui; realmente
 quem desconfia assim, bem fraca estima sente!
 Eu é que sou bem nescia em não perder de todo
 este resto de affecto a quem me afoga em lodo;
 devia-lhe tornar o dito verdadeiro:
 deixal-o, e em seu lugar tomar outro; o primeiro.

SEVERO

Já é saber de mais, que não me desenliço
 da rede em que estou preso! indigno, atroz feitiço!
 Sei que essas expressões de angelico perfume
 podem ser mero engano, o escarneo do costume;
 e devoro-as, e creio, e vou-me á tona d'ellas
 a naufragio antevisto após novas procellas.
 Embora! é fado meu; tem de cumprir-se; affronto
 quanto mal possa vir; a tudo me tens prompto;
 quero ver afinal quem vence esta pendencia:
 se n'ella a ingratição, se em mim a paciencia.

D. AMALIA

Não é assim que se ama.

SEVERO

Ignoro os mais amores.

Sei do meu, só do meu, causa de eternas dôres,
favo de amargo mel, delirio, pesadelo,
inferno, tudo mau, que se resume em zelo.
Amo-te; sabes como? entedel-o-has? ou pôde-o
alguem comprehender? sim, amo-te com odio;
queria-te ver pobre, oppressa, foragida;
labios sem rir, no olhar a luz amortecida,
o abril das faces, murcho; a juvenil possança
trocada em desalento; indifferente á dança;
nas festas, solitaria; a todos importuna;
que achasses em mim só, refugio, amor, fortuna;
queria-te ver morta, e logo no jazigo
encerrar-me eu tambem; morrer, ter-te comigo,
comigo sempre, a sós, minha perpetuamente,
olvidada, tranquillia, incognita e innocente.

D. AMALIA

Ih! que lugubre amor! que funebre noivado!

(olhando para a porta da direita)

Que terá hoje o dia? ah! vem o seu criado
co'uma cara tambem!!...

SCENA IV

Os mesmos e MIGUEL (*que vem da porta da direita*)

SEVERO

Que me queres, que vens
como um desenterrado?

D. AMÁLIA

É verdade: que tens?
Miguel, que tens? que foi? assustas-nos.

MIGUEL

Patrão!

SEVERO

Que é?

MIGUEL

Isso é que eu não sei.

SEVERO

Declara-te, ladrão,
ou mato-te.

MIGUEL

O que eu sei, é que a mim não me cheira.
O negocio vae torto.

SEVERO

É forte pasmaceira!
torto em quê? que negocio? explica-te.

MIGUEL

Sei lá
se haverá por ahí quem possa ouvir!

SEVERO

Não ha;
e que haja? que te importa? acaba.
(batendo impaciente com o pé no chão)

MIGUEL

Pois senhor,
trate de pôr-se ao fresco.

SEVERO

Hein?

MIGUEL

Faça-me favor
de não me entrar com heins; despache-se.

SEVERO

Porquê?

MIGUEL

Não sei porquê; sei só que se despache; vê?
e já já, que não tarde.

SEVERO

Eu se no mesmo instante
me não pões tudo claro, arrazo-te, bargante.

MIGUEL

'Stando eu co'a obrigação lá em casa na cosinha,
por signal a cantar...

SEVERO

Que inferno!

MIGUEL

Entra um fuinha
mal encarado, e põe sobre a rima dos pratos
um papel, eu sei lá! cheio de uns papa-ratos,
que nem o diabo os lê! Supponho que ha de ser
coisa lá da demanda; eu não n'o pude ler;
mas palpita-me, sim, fiz cá o meu discurso:
com este modo e traje, ou quadrilheiro ou urso;
urso não era elle; estava claro então
que era lá da justiça, ou coisa de escrivão,
ou não sei quê.

SEVERO

Nem eu ; nem sei que parentesco
possa ter o papel com dever pôr-me ao fresco.

MIGUEL

Tenha mão ; oiça o resto. Uma hora depois,
ou uma hora e um quarto ; um quarto, sim ; a dois
não chegou ; qual chegou !

SEVERO (*cruçando os braços*)

Bom ; quando tu quizeres
chegaremos ao fim ; por ora, inda não queres.

MIGUEL

Emfim ; tempo depois do mono se ir embora,
(menos, certo, não foi que boa meia hora)
chega aquelle senhor que ás vezes vae lá a casa
visital-o, mas vinha aforçurado, e em brasa.
Não me lembra o seu nome. Eu disse-lhe : o patrão
saíu. Vae elle e diz-me : era de precisão
o fallar-lhe já já ; (por mais que esfregue a testa
o nome não me lembra ; eu quisilia como esta !...)

SEVERO

E então ?

MIGUEL

Como elle sabe o optimo creado
que o senhor em mim tem, mui serio, mui calado . .

SEVERO

Mui burro...

MIGUEL

Encarregou-me... (é celebre! o seu nome
nem pelo diabo!...)

SEVERO

Acaba, acaba.

MIGUEL

Encarregou-me
de lhe dizer que fuja, e logo logo; aliás
prendem-n'o.

SEVERO (*crescendo para elle furioso*)

A mim, patife?

D. AMALIA

Acalme-se; o rapaz
tem-lhe medo, e extravaga.

(*para Miguel*)

Explica-te.

(*para Severo*)

Consinta
que o interrogue eu só.

MIGUEL

Pedi papel e tinta,
e fez-lhe uma cartinha, em que ha de vir contada,
por força, a explicação de toda a trapalhada.

SEVERO

Venha ella.

D. AMALIA

Deus meu! que será isto?

SEVERO

Ignoro.

Vamos ver.

(para Miguel)

Que é da carta?

MIGUEL (vasculhando as algibeiras)

A carta!

SEVERO

Eu desadoro

d'este maldito!

MIGUEL

A carta! a carta! esta algibeira...
não é rota; nem esta; esta menos; que asneira!
ficou-me sobre a meza.

SEVERO

Abala, monstro!

MIGUEL

Vamos;
se a não tirasse alguém, verá como a encontramos.

SEVERO (*para D. Amalia*)

Parece um fado mau que a acinte me persegue.

D. AMALIA

Vá; vá ver isso, e torne; e quanto a amor, socegue, que ninguem lh'o usurpou, ninguem lh'o usurpa.

SEVERO (*depois de alguma hesitação beija a mão de D. Amalia, que continua*)

boas novas, e cedo.

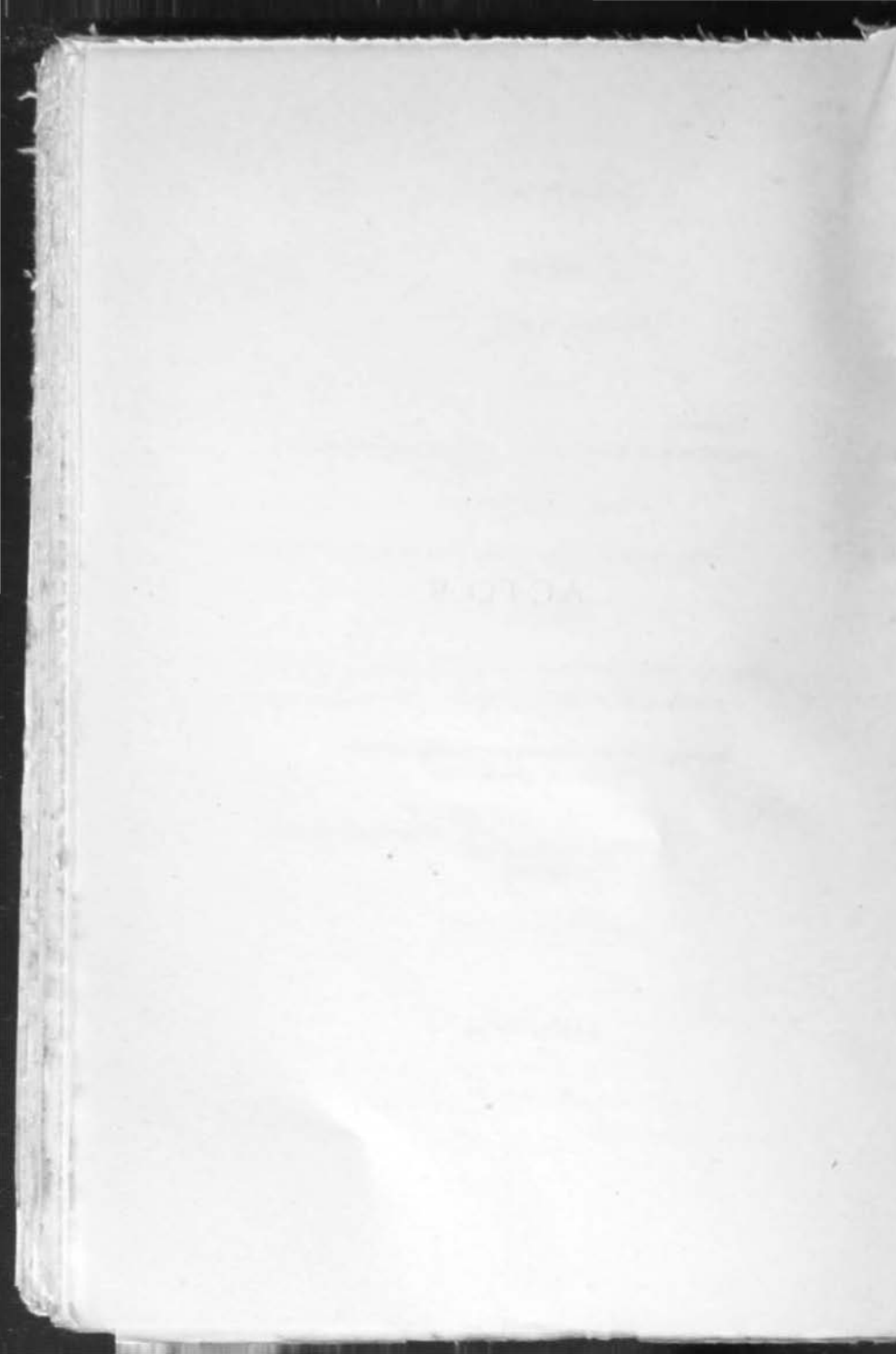
Traga

SEVERO

Até á noite, ó maga.

FIM DO ACTO IV

ACTO V



O lustre e os castiçais estão acesos

SCENA I

SEVERO e FREDERICO

SÉVERO

Não; agora é de vez; não quero mais ver gente.

FREDERICO

A pedradita é grande: acho comtudo...

SEVERO

não acha tal; sermão agora!

Mente;

FREDERICO

Essa é que é nova!

Eu prego?

SEVERO

Vou cavar na Arrabida uma cova
e enterro-me. Antes dar-me aos lobos n'uma serra,
que ver-te por mais tempo, abominavel terra

de tigres, de chacaes, de camaleões! covil
 de tudo quanto ha mau, de tudo quanto é vil!
 Todos, todos á uma a declarar que tenho
 o direito por mim, que não procure empenho,
 que razão, honra, brio, estão da minha banda!
 fui, aguardo a sentença, e zás! perco a demanda.
 E é logo o ladrão mór, dos patifões o trunfo,
 quem roda sobre mim no carro de triumpho!
 De sociedade tal quem já me dera longe!...
 E estranha este diabo...

(olhando de revez para Frederico)

ouvir que vou ser monge!
 Quero a Arrabida; quero-a, á falta de um Vesuvio.
 Podesse eu atinar co'a chave do diluvio!
 que alegrão!...

FREDERICO

Mas a mim dava um cantinho na grca?

SEVERO

Co'o jumento, o camello, e os animaes de marca.
 Deixe-me; não me apure.

FREDERICO

A perda de um processo
 de dez contos não é para tamanho excesso.
 Fica-lhe muito ainda.

SEVERO

Importa-me ser rico!

nem ser pobre! o que damna é, senhor Frederico,
a injustiça primeiro, e logo apoz o aresto
de que o mau, só por mau, calcou a pés o honesto.
Calcado eu! eu por elle! eu sob os seu pés!!!
que optimos tribunaes! forçados das galés
n'um domingò de entrudo em temulencia crassa
não podiam sonhar sentença de mais graça!
Um mal nunca vem só: como se não bastasse
ao seu dilecto mundo esbofetear-me a face,
vem agora mais esta: a calumnia.

FREDERICO

A calumnia

que é? desmascara-a o tempo; a consciencia pune-a
desde o principio; e á hora em que se crê triumphante,
surge a oppressa virtude, e a abysma. É má farçante
a pobre da calumnia; e raro acaba a peça,
sem que um trovão de pés a fulmine e a despeça.
A calumnia! a calumnia! essa monstra de horror,
quando esmagar-nos cuida, esmaga ao proprio auctor.

SEVERO

Atreve-se o ladrão (não pago com roubar-me!)
no crédito moral tambem a assassinar-me!
Leu o folheto?

FREDERICO

Eu não.

SEVERO

Não?

FREDERICO

Nem li, nem lerei.

SEVERO

Mas sabe; ouviu contar o que é de infame?

FREDERICO

Sei;

diz que atassalha tudo: o paço, a fidalguia,
ricos, pobres, commercio, armada, burguezia.

SEVERO

Nada ao selvagem ebrio incolume escapou.
D'essa anonyma infamia espalha o vil, que eu sou
o auctor; que tem razões para o saber; mas basta
ver o estylo mordaz, pois dois da minha casta
nunca um seculo os viu. Demais, no frontispicio
vem uma inicial, que é minha.

(ironicamente).

A tal indicio

não se resiste O mundo, além de mau, crendeiro,
repete estes zumzums; o vate queijadeiro
corrobora-lh'os.

FREDERICO

Quem? o Bonifacio?

SEVERO *(como entrado a subitas de uma inspiração)*

Espere:

uma suspeita.

FREDERICO

O que é?

SEVERO (*depois de meditar por algum espaço*)

Injuria que assim fere
vem de inimigas mãos por força. Ora inimigos
só tenho dois (que eu saiba), e socio um do outro e amigos;
isto é: complices sempre em qualquer desaforo:
o poeta da Sapa, e o comprador do fôro.
Quem me diz que tudo isto, a calumpnia e o folheto,
não fosse obra dos dois? o vate do soneto
escreveria; o outro era muito capaz
de ter-lh'o encommendado; é velhacão sagaz;
no desacreditar-me acharia o proveito
não só de se vingar, mas de influir no pleito.
Nem o senhor presume o que são estas sucias
que chama...

(enchendo as bochechas)

a sociedade!! Em vão me estuda argucias
para me pôr co'o mundo em paz; não n'o tolero;
não n'o posso tragar; no ermo é que me eu quero,
e vou já procural-o.

FREDERICO (*chasqueando*)

E dos seus bens assento
que é bom fazer doação primeiro, ou testamento.

SEVERO

Tome-os quem os quizer; piratas demandistas,

magistrados sem fé, jumentos sonetistas.
Que me importa? o meu gosto era que na partilha
se esfaqueasse entre si toda essa atroz quadrilha.
Adeus! fique-se; agora escusa perseguir-me.

FREDERICO

Não persigo, se está n'esse querer tão firme.
Parta; eu por cá me fico a desculpar-lhe a fuga
em quanto o mundo inepto o chama doido, e o suga.
Mas diga-me: não quer deixar-me encarregado
de o despedir de alguém? de algum objecto amado?

SEVERO

Não; a mulher que amei levo-a comigo.

FREDERICO

Olá!
como assim! o ermitão vae-se casar por lá?
e já sabe que a noiva está pela contrata
de trocar o theatro e as salas pela matta?
os cochins, pelo feno? e que prefere aos trilos
da cantora da moda a musica dos grilos?

SEVERO

Vem a tempo o gracejo! a mulher que ao deserto
me acompanha, e talvez m'o torne em ceo aberto,
não é a que imagina: essa morreu; deixou-me;
sepultei-a; esta d'essa apenas tem o nome,

a lindeza sem par, a falla que electriza,
 o olhar fascinador, e a graça que escraviza,
 mas não a deslealdade, a perfida crueza,
 o coração de pedra, o timbre da vileza.
 A que eu levo, a que espóso, a que hei de sempre amar,
 ninguém a viu jámais; é ente singular,
 que eu n'um sonho creara, esplendido composto,
 anjo e ceo no interior, e Amalia só no rosto.
 Sim; com esta phantasma, ingenua, amavel, bella,
 é que eu fujo; esta é minha assim como eu sou d'ella.
 Nem sombra de ciume em nossas alegrias!
 as noites puro amor! constante amor os dias!
 a natureza toda a rir ao nosso riso!
 que paraizo eguala ao nosso paraizo?
 O que eu deixo! e o que lucro! Adeus; o derradeiro
 adeus. Sei que me ha sido amigo verdadeiro,
 bem que illuso, e importuno. Agradeço-lh'o; fique;
 em mim nunca mais pense, e não me justifique.

FREDERICO

Mas venha cá: se crê, meu bom senhor Severo,
 no affecto que eu lhe tenho (e tenho!) rogo e espero
 me escute um pouco mais. Quem falla a sangue frio
 talvez possa atinar conselho prestadio.

SEVERO

Sim; mas poupe sermões, que estou com pressa.

FREDERICO

Embora

se entregue, se quizer, á vida que o namora ;
 mas não seja já já n'este rompante de ira ;
 a reflexão corrige o que a paixão delira.
 O crime, que lhe imputa a sua parte adversa,
 de ter lançado á luz satyra tão perversa,
 é falso, e não se prova. Estamos na moirama,
 onde só por zumzums se prende, empala e infama ?

SEVERO

Moirama é Portugal ; moirama é todo o mundo.

FREDERICO

Bem ; bem ; n'esse pensar cuido que eu proprio abundo.
 Entretanto, bem vê que a estolida balella
 já vae perdendo a força ; e a proposito d'ella,
 olhe o que eu da calumnia ha pouco lhe dizia ;
 pôde ser que a final o auctor da aleivosia
 colha d'ella o castigo além da pena interna ;
 não ha fortuna, ou fado ; ha Providencia eterna...

SEVERO

Bom sermão, sim senhor.

FREDERICO

Quanto á sentença injusta,
 não lhe nego que o foi ; mas diga : que lhe custa
 appellar d'ella agora, e pôr mais vigilancia
 em zelar o que é seu na superior instancia ?

SEVERO

Não apello.

FREDERICO

Porquê?

SEVERO

Já disse: não apello.

Quero que fique intacto este padrão tão bello
do que fôra a justiça e a honra em nossa idade;
é mais uma lição para a posteridade.

Por dez contos de réis que na sentença perço,
ganho em cheio o direito (inda barato merco)
de raivar contra tudo, e proclamar que são
uns falsos, uns ladrões quantos provêm de Adão.

FREDERICO

Mas emfim...

SEVERO

Mas emfim; quita cançar-se; nega
que fui roubado?

FREDERICO

Não.

SEVERO

... que a opinião é cega?
a justiça venal? despotica a mentira?
calumniada a innocencia? o amor falseado? e mira
universal o int'resse?

FREDERICO

Homem de Deus, socegue ;
tudo isso lhe concedo.

SEVERO

Então fuja, e não pregue.

FREDERICO

Não prego ; digo só que apesar d'isso tudo,
como nasci n'este orbe, e sei que o não demudo,
e n'elle hei de viver, e n'elle hão de enterrar-me,
devo colher-lhe os bens, e aos males resignar-me.
É philosopho, e ignora o inutil que seria,
não havendo ruins, haver philosophia ?
Quanto mais corrompida, abjecta, absurda, falsa,
a terra fôr, mais n'ella o merito realça.

SEVERO

Sim senhor ; muito bem ; fallou como um Catão ;
porém Catão matou-se ; e eu metto-me ermitão.
Tenho menos valor ; ou talvez mais ; não morro,
mas fujo ; e se a emboscar-me alvoroçado corro,
é porque me conheço. Amo a veracidade
com tão forte paixão, tão por necessidade,
que teimando em ficar-me entre homens de dois rostos,
teria a cada instante enchentes de desgostos,
inectivando ao nescio, ao tredo, ao bandoleiro,
ao juiz alugado, ao chôcho soneteiro,

ás Lucrecias de alardo, e a um sabio impertinente
que faz co'as prégações dôr de cabeça á gente.
Queira-se retirar; Amália ha de aqui vir;
quero fallar-lhe a sós; careço de lhe ouvir
a decisão final, antes que se espedace
de todo, e para sempre, este funesto enlace.
Ella está no jardim co'uma visita; deve
tardar pouco, me disse a aia; espero-a breve.

FREDERICO

Se quer, vamos no emtanto ao quarto do lavor
conversar co'a priminha; está no bastidor
cuido eu; anda a bordar com a mais incrível ancia
um sacco, ou não sei quê, para o bazar da infancia.
Não pensa n'outra coisa: as mãos a crear flores
sobre a seda; e lá dentro a rir-lhe um ceo de amores!

SEVERO

Vá, vá sim gosar d'isso; eu fico.

FREDERICO

Sim?

SEVERO

Devia
ir com tal nuvem negra ensombrar Rosália?
Fico-me n'esta sala, acompanhado apenas
do meu fundo penar.

FREDERICO

Má companhia as penas!
 Vou buscar-lh'a melhor: Rosalia por certo
 folgará de animar-lhe um pouco este deserto.

(Sae pela porta da esquerda)

SCENA II

SEVERO *(que se retirou para a varanda e pouco depois AMALIA
 e BONIFACIO, que entram pela porta da direita)*

BONIFACIO

São dilações de mais; quer fausto quer adverso,
 peço-lhe um desengano.

D. AMALIA *(rindo)*

A fim de o pôr em verso;
 não é assim? Se for *não*, faz logo uma elegia;
 se for *sim*, um soneto...

BONIFACIO *(em tom de amorosa reprehensão)*

Amalia!

D. AMALIA *(continuando a rir)*

Uma poesia

de entusiasmo a *ella*; a *ella* já se sabe
que d'esta vez sou eu.

BONIFACIO

A amor que é serio cabe
gracejar d'esse modo? o meu, que é verdadeiro,
precisa o *sim* ou *não* que instante lhe requeiro;
se é minha, e quer ser minha, afaste-me Severo
d'esta casa, e provou-m'o. Em prosa lh'o assevero.

D. AMALIA

Bom; mas não me dirá aqui á puridade
que mal lhe fez Severo, e a razão porque se ha de
expulsar d'entre nós sem mais nem mais?...

BONIFACIO

Admira

o meu pedido?

D. AMALIA

E muito; é que eu nunca lhe ouvira
senão elogial-o.

BONIFACIO

É isto sem prefacio,
nem mais explicações: Severo, ou Bonifacio.

SEVERO (*que esteve da parte de fora ouvindo tudo
e entra com ar solemne*)

Senhora, este senhor exige, e eu proprio espero,

que opte emfim um dos dois: Bonifacio, ou Severo;
o momento é solemne; é arbitra; decida.

BONIFACIO

Eu, senhor meu, não quero exacerbar-lhe a vida;
bem lhe basta o que basta.

SEVERO

E eu tambem, meu senhor,
se o amam, não pretendo aguar um trovador.

BONIFACIO

Se ella o prefere, cedo.

SEVERO

E eu, se ella sente em si
que o póde ver sem tédio, abalo já d'aqui.

BONIFACIO

Não gosto de rivaes.

SEVERO

Nem eu.

BONIFACIO

Não se reparte
um coração por dois.

SEVERO

Quem mora em toda a parte
em nenhuma se encontra.

BONIFACIO

Ao proprio Salomão
nunca lembrou trincar em dois um coração;
ou todo, e inteiro, ou nada.

SEVERO

Ou nada, ou todo, e inteiro.
Intimo-a; tenho jus.

BONIFACIO

Eu tenho jus; requeiro.

BONIFACIO

Dona Amalia, resolva.

SEVERO

Acabe já com isto,
Senhora Dona Amalia.

BONIFACIO

Hesita?

SEVERO

Hesita?

BONIFACIO

Insisto.

SEVERO

Pela ultima vez.

BONIFACIO

Não ha coacção que a tolha.

SEVERO

É livre; pois se o é, porque retarda a escolha?

BONIFACIO

Falle.

SEVERO

Diga.

D. AMALIA

O que eu digo é que dois imprudentes, dois teimosos assim, nem mais impertinentes, nunca os vi; claro está que dentro n'uma dama ha coração, e um só; logo, ama; e a um só ama. Qual esse é, para mim sei-o eu; e acho impossivel que elle proprio o não saiba. O que é porém terrivel é quererem por força impôr-me a atroz violencia de dizer cara a cara ao outro: Irmão, paciencia, e bata a outra porta; era uma grosseria que a mulher mais boçal de certo não faria. Quem me quer não me offende; então com que direito heí de eu, porque o desamo, ir lacerar-lhe o peito?

O tempo lhe dirá por fim toda a verdade,
sem eu ter perpetrado essa barbaridade.

BONIFACIO

Eu nunca fui covarde; ouse mostrar-se forte;
posso ouvir, sem tremer, que me condemna á morte.

SEVERO

Mais faço eu, que ambiciono ouvir egual sentença.
Senhora, alto e bom som diga o que sente e pensa,
Nada tema; eu não tremo; o seu systema ha sido
até agora (bem sei, e bem-no hei padecido!)
impedir que se forre um só dos seus escravos;
mas obzequios a mil, são para mil aggravos.
Se era brinco, fez mal; se cálculo, peor.
O que póde fazer agora de melhor
é ser sincera e franca; aliás, se muda fica,
esse mesmo silencio assás por si se explica.

BONIFACIO

Concordo inteiramente, e o mesmo exijo e imploro.

D. AMALIA

Que exigencia! que affronta ao femiil decoro!
Bom; lá vem minha prima; um voto de mulher

(para Severo)

chega a tempo;

(para Bonifacio)

não chega?

SCENA III

Os mesmos e ROSALÍA (*que vem com FREDERICO pela porta da esquerda*)

D. AMALIA

Ó Rosalía, quer explicar por favor perante estes senhores, que ambos á minha mão se inculcam pretensores, se é possível, se é de uso, ou licito, ou decente, que uma pobre senhora intrepida apresente, posta entre dois rivaes, um e outro em furia accezo, seu coração a este, áquelle o seu desprezo? ambos a ouvil-a e vel-a, em face um do outro, e cheios de igual adoração, de identicos anceios?

D. ROSALÍA

Como nunca me vi, priminha, em taes assados, que posso responder? pergunte-me em bordados, verá como eu me saio.

D. AMALIA

Então só a experiencia é que instrue? já não basta o instincto de decencia commum a todas nós? Não quer entrar na briga; confesse e tem razão.

D. ROSALÍA

Eu, se quer que lhe diga
toda a verdade, prima, acho que sou suspeita;
não voto.

D. AMALIA

Porque não?

D. ROSALÍA

Sei que nasci mal feita;
mas sou assim; já agora é mal que não tem cura.
Sou tão leal, sincera, e avessa a uma impostura,
que n'essa collisão, de que Deus me defenda,
havia de ser franca, acho eu.

SEVERO (*para D. Amália*)

Aprenda.

BONIFACIO (*tambem para D. Amália*)

Aprenda.

SCENA IV

Os mesmos, D. EULALIA, o CONDE, o BARÃO
(que vem todos tres da porta da direita)

BARÃO

Para uma explicação, difficil na apparencia,
tornamos eu e o conde ás plantas de Vóccencia,
Senhora D. Amalia.

CONDE

Eu folgo extremamente
de termos vindo achar na roda aqui presente
pessoas a quem toca o seu quinhão no caso.

D. EULALIA

A minha boa amiga está pasmada! acaso
de me ver outra vez? se ha culpa, eis os culpados:
o barão, mais o conde, um par de namorados
da mesma Dulcinêa; ambos estes senhores
foram louvar-se em mim n'uma questão de amores;
nem que eu fosse praxista em coisas semelhantes!
contaram-me (illusões de credulos amantes!)
coisas taes de Vóccencia, e tal doblez, que eu disse:
não é possível. Rir da minha crendeirice
foi o menos; o mais, e o que eu nunca esperei,
foi mostrarem-me prova, e escripta; inda não sei

como não succumbi! valeu-me a fé que eu tinha,
e tenho, na virtude e honra da amiguinha.
Por isso, e por prever co'a ultima certeza
que Vócencia ha de achar a mais cabal defeza,
os quiz acompanhar, e ver n'estes debates
a gloria de Vócencia obter novos quilates.

BARÃO (*tirando da algibeira uma carta, e abrindo-a
aos olhos de D. Amalia*)

Oiça pois, Dona Amalia; esta cartinha ao conde
escreveu-a a senhora?

(*depois de uma curta espera*)

essa mudez responde.

(*para o conde*)

Por tanto a assignatura é d'ella, e não supposta.
Parabens!

(*entrega a carta ao conde*)

CONDE (*tirando tambem do bolso uma carta, e mostrando-a,
toda tarjada de flores, a D. Amalia*)

Dona Amalia, esta gentil resposta
a uns rogos do barão, envolta em cercadura
de amores e cecens, e igual na assignatura,
é tambem do seu punho?

(*depois de breve pausa, restituindo a carta ao barão*)

É; quem cala consente.

Por tanto, meu barão, emboras mutuamente.

BARÃO (*para Severo e Bonifacio*)

Julgo, senhores meus, que esta correspondencia,
tendo da sua auctora a tacita annuencia,

para os desenganar seria já bastante;
 mas inda aqui vem outra igualmente importante,
 que eu lhes desejo ler, se o permittem; prometto
 que fará rir Tristões, e vale um bom soneto.

(Tira do bolso outra carta, abre-a, e mostra-a com aspecto prazenteiro a toda a companhia)

Guapa calligraphia! areia de oiro, e brilha,
 até por ser escripta em bella redondilha.

(lendo)

Não se imagina martyrio
 como este em que tu me trazes!
 Descubro nas tuas phrazes
 menos amor que delirio

Se me divirto e gracejo,
 logo sou leviana e fria.
 Sou co'os mais toda alegria,
 tristeza, apenas te vejo.

D'isso mesmo em que outrem vira
 de serio amor prova clara,
 forja a tua astucia rara
 mais settas com que me fira.

Ah! que injustiça! que offensa!
 que ingratição! e que insulto!
 para obter perdão e indulto
 vóa a meus pés sem detença.

Desço á analyse da lista
 dos teus rivaes formidaveis.

São na verdade adoráveis!
deixam-te a perder de vista!
O que primeiro me apontas
é o velho marquez, que ao jogo,
se lhe ganho um tento, é fogo,
e sempre me glosa as contas.

(fallando)

É pena que o marquez não se ache aqui também,
para ver se o retrato é proprio, e lhe convém.

(continuando a ler)

Acho o morgado um bom moço;
mas desde que o vi na fragoa
de cuspinhar para o poço
a fazer círculos n'agua,

e a rir co'o sol no costado,
e os pés no lodo hora e meia,
não sei de tal desgraçado
como haja quem se arreceia.

(fallando)

Tambem este, se ouvisse o como foi pintado,
havia de gostar (posto se creia amado!).

(lendo)

Quanto ao fofo barãosito...

(interrompendo a leitura, e declamando)

Agora entro eu em scena; escutem, meus senhores,
e relevem que entõe eu proprio os meus louvores.

(continuando a ler)

Quanto ao fofo barãosito,
hontem na valsa, confesso
que me abraçou com excesso,
segundo ouvi, e acredito.

Mas um parvo, um provinciano
lá da Nazareth de baixo
não ganhou co'o seu despacho
direito de ser magano ?

O phantasma carrancudo...

(fallando)

Sôr Severo, attenção ; vão ler-lhe a buena dicha ;
aguente-se como eu ; deixe rabiá a bicha.

(continuando a ler)

O phantasma carrancudo
que chamas o meu Tristão,
faz-me rir co'o seu sisudo ;
é natural ; pois então,

um bicho do matto bravo,
não me será permittido
orgulho de o ter vencido,
prazer de o chamar escravo ?

*(Severo vai sentar-se á jardineira a escrever precipitadamente,
dando apenas meia attenção ao que se diz e faz ; o barão con-
tinua a ler)*

Lá no sonetista, escusa

(declamando para Bonifacio)

Agora a sua vez; tome o pião; não no erre;
chaque peuple à son tour a brillé sur la terre.

(lendo)

Lá no sonetista, escusa
nem pensar; é-me tediosa,
tanto em verso como em prosa,
a sua inexhausta musa.

Triste de quem fosse a *Ella*
de um *Elle* de versos taes,
que as noites inteiras vela
para fazer somno aos mais.

Já vês que estás enganado,
quando suppões que em tal gente
haja nem um que me tente,
e mereça o teu cuidado.

Rio com todos, mas rio
de todos ao mesmo tempo;
vario-os por passa-tempo
só de ti nunca vario.

Pois o conde! o que presumes
ser o rival mais tremendo!

(declamando, para o conde)

Tens a justiça em casa; amigo tem paciencia;
queres que leia?

CONDE

LÊ.

BARÃO

Bem; salvo a consciencia.

(continua a ler)

Pois o conde! o que presumes
ser o rival mais tremendo!
Esse então, nem compreendo
que excite a ninguém ciumes.

Um basofo! um presumido!
um Cupidinho de alcorce,
que entende ao respeito impôr-se
co'a farofia do vestido!

Que traz dentro em si o paço
co'o cento dos seus avoengos,
e co'os seus vinte podengos
caça tanto como eu caço!

És tu só na terra inteira
quem desejo me possua.
Tua sempre, e toda tua —
— Dona Amalia de Oliveira.

D. EULALIA *(em meia voz)*

Não era necessaria aquillo assignatura.

D. ROSALIA (*em meia voz para D. Eulalia*)

Aqui e em tal momento ? é má, e é vil creatura !

(Vae n'um impeto de compaixão sentar-se ao lado de Amalia, e toma-lhe a mão, que ella inconscientemente lhe entrega. Este grupo das duas é de longe contemplado por Eulalia com um sorriso, por Frederico com eternecimento)

CONDE

Partamo-nos, barão ?

(para D. Amalia)

Minha senhora, creia
na minha gratidão, no quanto admiro a veia
dos seus chistes, emfim no inexplicavel gosto
que eu acho em nunca mais ver esse lindo rosto.

BARÃO (*para D. Amalia*)

Eu para disfarçar a angustia da saudade,
vou-me entreter, mostrando a toda essa cidade
estes ricos papeis, a um tempo documentos
de amor, calligraphia, engenho, e sentimentos.

(os dois cortejam rindo a D. Amalia, e vão-se pela porta da direita)

SCENA V

Os precedentes, menos o CONDE e o BARAO

BONIFACIO (*para D. Amalia*)

Senhora, tambem eu, se fosse vingativo,
tinha com que ampliar aquelle raro archivo:
cartas da sua mão ternissimas! versinhos
rescendentes de amor! prodigos de carinhos!
e que ao revez dos meus, feitos de dormideiras,
me fizeram velar noites de amor inteiras.
Que de Phaons que tinha a nossa esbelta Sapho!
graças aos numes dou por me ver d'ella safo.
Adeus; vou para Cintra entoar novas saudades,
qual Bernardim Ribeiro, áquellas soledades.
Pela ultima vez, adeus; o seu decoro
manda-lhe que não chore; eu cá tambem não choro.
Adeus; se for a Cintra o Victor lhe dirá
se inda vivo, ou se a dôr cabo de mim deu já.

(*para Severo*)

Desisto do concurso. A dama cá lhe fica.
Não perca tempo; case.

(*sae pela porta da direita*)

SCENA VI

Os mesmos, excepto BONIFACIO

D. EULALIA (*para D. Amália*)

Eu nunca, minha rica
imaginei tal ver! Deus meu! sempre no mundo
ha lances! esperar no enlace mais jocundo
esquecer a viuvez, e ver-se de repente
n'outra viuvez! peor incomparavelmente!
Que pena! ceos! que dó! n'aquelles estorninhos
que lhe fogem chilrando, e a quem não faltam ninhos,
pouco perdeu Vócencia; agora um cavalheiro
como este bom senhor...

(*indicando Severo*)

honrado, verdadeiro,
pondonoroso, bello, e tão seu dedicado,
perdel-o é triste; oh! se é!

SEVERO (*parando de escrever*)

Dispensó-a do cuidado
de se inquietar por mim, senhora; não se inferne
por minha causa; deixe o que a nós só concerne:
nem eu a nomeei minha procuradora,
nem tenho com que pague um zelo tal. Senhora,
se do que hoje aqui perco eu me desforro um dia,
á fé que não será com Dona Eulalia.

D. EULALIA

E ria

quando tal lhe lembrar. Pensa que Dona Eulalia
 aceitasse jámais o que refuga Amalia?
 que vaidades, meu Deus! não alce os vãos tanto,
 que se póde baquear. Quer um conselho santo?
 faça as pazes com ella; o passado, passado,
 e casem-se; eu prometto ao par afortunado
 ir atirar grangêa.

(sae pela porta da direita)

SCENA VII

Os mesmos menos D. EULALIA

SEVERO *(para D. Amalia)*

Ouvi tudo; vi tudo;
 deixei todos fallar, e fui té agora mudo;
 poderei...?

D. AMALIA *(sacudindo o torpor, levantando-se convulsa,
 com a cabeça fendida, olhos entrefechados e lacrimosos,
 e os braços cruzados sobre o seio)*

Póde, póde. Accuse-me, condemne,
 fulmine a indigna ré. Quem fez penar, que pene.
 As injurias dos mais deixaram-me impassivel,
 mas as de um coração tão nobre, tão sensivel,

e que eu dilacerei, peço-as para expiação de parte do meu crime; odeie-me; é razão, é justiça, é dever; eu a mim propria odeio.

SEVERO

Odiar-te, ó desleal? eu posso? eu ousou? eu sei-o?

(D. Rosalia levanta-se para suster a D. Amalia que principia a vacillar sob o peso da afflicção; Severo continua, com lagrimas na voz, para D. Rosalia)

Sente-a.

(Ella depe-na sobre o canapé. Severo prosegue para D. Rosalia e Frederico, que se teem acercado do grupo)

Sou fraco; sou; confesso; e tão covarde, que nem quero acudir ao fogo que em mim arde. Admiram-se? inda ha mais; assobrem-se! (virtude no estoicismo não ha que o humano ser transmude; a paixão recalçada insurge-se mais forte); amo inda esta cruel, que a rir me expunha á morte; amo-a apesar de tudo; e tanto, que ante Deus, ante a mãe...

(apontando para o retrato pendente sobre o canapé)

e ante vós, conscios dos crimes seus, lhe commetto um partido inesperado, incrível, temerario talvez.

(para D. Amalia)

Senhora, se é possível que inda queira ser minha, assim como eu desejo ser para sempre seu, colha o fugaz ensejo; oiça, pese, e decida. Os erros seus esqueço, desculpo-lh'os; seria aquillo tudo excesso de um brincar juvenil, folguedos da innocencia,

que nem sonha ao que pôde expol-a uma imprudencia.
Andou leviana; andou; mas n'essa levandade
o mais da imputação pertence á sociedade,
aos costumes da moda, ás poesias ternas,
á praga romanceira, ás theatraes cavernas,
ao luxo, á ociosidade, ás turbas lisongeiras.
Já talvez no collegio ouvisse ás companheiras
que acceitar e escrever cartinhas namoradas
era uma distracção, licita ás mais honradas;
que sei eu! Satanaz põe-lhes tal visco em ramos,
que ostentam flores só, de lá solta uns reclamos
a vós, aves de amor, perfidos mas tão doces,
que anjo, archanjo dos ceos, e serafim que fosses,
lá vaes parar sem culpa; e se do visco arrancas
as azas da virtude illesas e inda brancas,
lá te fica porém ao riso dos viandantes,
o resplendor da fama, a tua gloria d'antes.
Concluo. Apraz-me crel-o; e peço-lhe me ajude
a convencer-me d'isto; a essencia da virtude
soube manter-se illesa; é tronco firme; a aragem
só lhe levou brincando as flores e a folhagem:
quero esta persuasão, que necessito d'ella.
Amalia, em meu conceito és pura quanto és bella.
Amalia, vem ser minha! arranco-te comigo
do mundo, a nós fatal, para o quieto abrigo
onde corro a emboscar-me. É n'uma serra um ninho,
tendo só por visinho a Deus, que é bom visinho,
e por cidade o ermo; o ermo, que em belleza
vence a propria Pariz, e a Londres na riqueza.
Vamos; e é partir já. Verás como esta fuga
nos olhos teus e meus o ultimo pranto enchuga.
Esta resolução, que tomarás sem custo,

destruirá para sempre o desfavor injusto
que ácerca de ambos nós talvez tens provocado.
Então verás, Amalia, arbitra do meu fado,
como eu te pago em cheio, ufano e jubiloso,
amando-te por mil, o meu e o teu repouso.
Partamos.

D. AMALIA

Renunciar na flor dos meus vinte annos,
tudo ! e enterrar-me viva !

SEVERO

Entre homens deshumanos,
que deixas apoz ti que valha a sepultura
de um thalamo feliz, se te enche igual ternura !

D. AMALIA

Sim, mas a solidão, na minha idade, aterra.

SEVERO

E é ceo.

D. AMALIA

Será ; não sei ; só sei dos bens da terra.
Não sinto em mim valor para os fugir ; por ora,
inda vem longe as cãs, gosemo-nos da aurora.
Se o meu amor lhe basta, é seu ; se se contenta
co'uma esposa que o présa, aqui me tem ; não tenta
immolar-me, cuido eu.

SEVERO

Não, monstro; o que eu tentava
era arrancar-te ainda á onda negra e brava
que presto ha de engulir-te; era salvar-te o resto
do jogado pudor. Agora te detesto.
Afoga-te, perece, e expira co'a certeza
de que ninguem te chora, alma no inferno acceza!

D. AMALIA (*recobrando toda a altivez*)

Basta; póde partir; consolar-me-hei.

SEVERO

De certo;
não lhe falta com quem.

D. AMALIA

Se ouvir no seu deserto
que me fui metter freira, ou que me desposei,
ou qualquer coisa assim, o que fará?

SEVERO

Rirei.

SCENA VIII

Os mesmos e PASCHOAL (*á porta da direita*)

PASCHOAL

Senhora Dona Amalia.

D. AMALIA

O que é, Paschoal?

PASCHOAL

Agora

chegou o senhor conde...

D. AMALIA (*com alvoroço*)

Ah! que entre.

PASCHOAL

Foi-se embora;

encarregou-me só de lhe dizer que o pleito
que elle lhe apadrinhava era negocio feito...

D. AMALIA

Em meu favor? nobre alma!

PASCHOAL

Em favor do contrario.

D. AMALIA

O trem já já. Meu Deus! Deus meu! é necessário
ir procurar o conde.

(sae arrebatadamente pela porta da direita seguida de Paschoa)

SCENA IX

SEVERO, ROSALÍA e FREDERICO

SEVERO *(depois de ter estado por algum tempo
a olhar carrancudo para a porta por onde Amalia saiu
voltando-se para D. Rosalia)*

Ah! quanto não realça
Rosalia em valor ao pé d'aquella falsa!
Aqui virtude; aqui razão, honra, franqueza,
como graças á graça, crescem á belleza.
Senhora, agora emfim, que estou já desvendado,
conheço (em mal bem tarde, e sem remedio!) o errado
que andou meu coração quando em Amalia cria
poder achar o bem que estava em Rosalia.
Perdoe-me a cegueira; e creia-me, senhora,
que se o retroceder-me fôra dado, e fôra
a tão nobre mulher possivel acceitar
um coração que ardeu no mais indigno altar,
mas...

D. ROSALÍA

Se é franco, eu tambem.

SCENA X

Os mesmos e PASCHOAL (*que torna a apparecer
à porta da direita*)

PASCHOAL (*para Severo*)

Senhor, o seu criado
que o procura.

SEVERO

Que espere.

(*sae Paschoal*)

SCENA XI

Os mesmos menos PASCHOAL

D. ROSALIA (*continuando*)

Esteja descansado,
senhor Severo; eu sou, sou muito sua amiga;
até sua entusiasta; amor porém não liga
os nossos corações, bem vê; por tanto escusa
querer-se desculpar com quem o não accusa.
Nem teria de quê realmente. Rosalia
se não for sina sua o ficar para tia,

talvez possa inda achar alguém que a não rejeite;
por exemplo...

(sorri amavelmente para Frederico)

FREDERICO *(entusiasmado tomando-lhe a mão
e beijando-lh'a)*

Ah! senhora! encanta-me!

SEVERO

Um deleite
inda emfim me foi dado apoz tão crus tormentos:
vi, vejo um par feliz (sequer n'estes momentos).

FREDERICO

Sempre.

D. ROSALÍA

Sempre.

SEVERO

Oxalá!

(depois de pausa)

Dispenso-lhes saudades,
mas promettam cumprir-me as ultimas vontades.

FREDERICO

Como? pois teima?

D. ROSALÍA

Quer?

SEVERO

Silêncio!

(toma de cima da jardineira os papéis que esteve escrevendo)

Um testamento

é sagrado. Oiça pois n'este final momento

(separando um dos papéis)

o que intimo « Doação a Dona Rosalía
de todos os meus bens. » São coisas sem valia
para quem deixa o mundo.

D. ROSALÍA

Ai! não

SEVERO

Não basta o dote

da virtude e bondade.

D. ROSALÍA

Ai! não! não!

SEVERO

Não me esgote

a paciencia; um morto é arbitro absoluto.
Uma clausula só: que, se não houver fruto
do consorcio, estes bens aos conjuges doados,
não vão a ninguem mais; sejam aniquilados.

FREDERICO

Mas, homem!

SEVERO

Que maldito!

(chamando)

Ó Miguel!

SCENA XII

Os mesmos e MIGUEL *(correndo ao chamamento,
e vindo da porta da direita)*

MIGUEL

Meu patrão,

já me lembrou o nome.

SEVERO

Esta bolsa, ladrão,
é para ti.

MIGUEL *(espantadissimo)*

Senhor?

SEVERO

Silêncio! este papel
ao meu tabellião. Um macho de aluguel
antes de meia hora á minha porta.

*(Frederico e Rosália tem estado a conversar animadissimamente
durante este breve dialogo a ver se atinam modo de obstar á
resolução de Severo)*

FREDERICO (*em meia voz para Rosalía*)

Perde

com elle agora o tempo; agora é força que herde,
queira ou não; porém urge obstartmos-lhe á fugida.

D. ROSALÍA

Porém como?

FREDERICO

Não sei.

D. ROSALÍA

Nem eu.

SEVERO (*para Miguel*)

Já de corrida

isto para os jornaes; paga seja o que for.

MIGUEL

Cá da bolsa?! e depois?

SEVERO

Depois farás favor
de te sumir no inferno.

MIGUEL

E o patrão?

SEVERO

Nunca mais
lhe pões a vista em cima. Ahi está; leva aos jornaes.
(lé para si o papel antes de o entregar ao moço)

«Severo Tristão de Mattos
«saíu da vida presente
«por farto de ver sómente
«falsas, vis, ladrões e ingratos.»

*(Depois de entregar o papel ao criado sac arrebatadamente seguido
de Frederico e Rosalia)*

FIM





